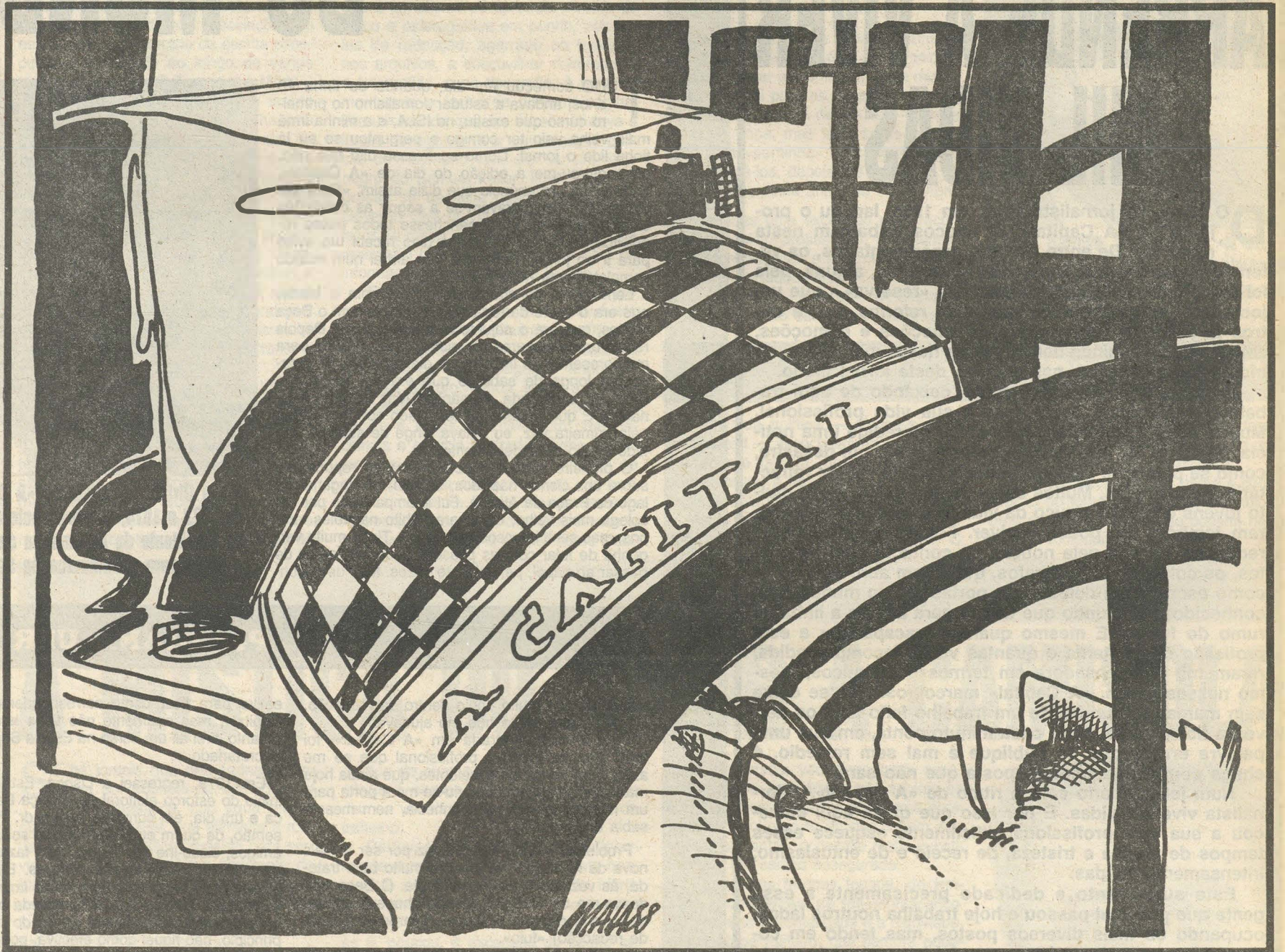


FORAM DOS NOSSOS



Vida começa na redacção

JORNALISTAS RECORDAM A GRANDE AVENTURA

20.º ANIVERSÁRIO – N.º 6

A CAPITAL

Director: RODOLFO IRIARTE

COM O APOIO DE
Inter PRESS
 Sociedade Distribuidora de Jornais e Revistas, Lda.

NÃO PODE SER VENDIDO
SEPARADAMENTE DA EDIÇÃO
DE 26 DE FEVEREIRO DE 1988

Suplemento do jornal «A CAPITAL»

JORNALISTA DE «A CAPITAL» APRENDE A VIVER MIL VIDAS

DO grupo de jornalistas que, em 1968, lançou o projecto de «A Capital», já poucos trabalham nesta redacção. De entre os mais experimentados, os veteranos, que encabeçaram essa «aventura», alguns, pela lei inexorável do tempo, passaram à «reserva» - que um jornalista nunca verdadeiramente se reforma... —, e outros já deixaram este mundo de emoções e comoções, embora estejam ainda bem vivos na nossa memória e, de modo muito especial, nas páginas deste jornal diário.

Outros ainda, embora também deixando de aqui trabalhar, começaram nesta casa a sua vida profissional. Muitos deles aprenderam aqui como se redige uma notícia, como se faz um «lead», como se cobre um desastre, como se persegue incansavelmente aquela vedeta refractária a entrevistas. Muitos deles, quase todos, eram muito jovens e sabiam pouco da vida. Foi aqui que aprenderam também um pouco a viver. Foi no convívio desta redacção, na luta pela notícia, no contacto com os chefes, os colegas, os tipógrafos, que viram abrir-se-lhes — como escreve um deles — as portas de um mundo desconhecido. Um mundo que traçou para alguns a linha de rumo do futuro. E mesmo quando «escaparam» a esta profissão desgastante e quantas vezes incompreendida, raramente compensadora em termos económicos, mesmo nesses casos, «A Capital» marcou-os. Não se deixa sem marcas profundas de um trabalho feito com os nervos à flor da pele, onde cada minuto conta, em que uma palavra errada que se publique é mal sem remédio, é chaga permanentemente exposta que não sara.

Num jornal diário com o ritmo de «A Capital», o jornalista vive mil vidas. E por isso que quem aqui começou a sua vida profissional dificilmente esquece esses tempos de alegria e tristeza, de receio e de entusiasmo, intensamente vividas.

Este suplemento é dedicado precisamente a essa gente que por aqui passou e hoje trabalha noutros lados, ocupando os mais diversos postos, mas tendo em comum essa experiência ímpar que foi ter começado neste jornal. Nem todos são redactores. Nestas páginas estão representados, através da fotografia, que é o seu «métier» e a sua paixão, os repórteres fotográficos que em «A Capital» viveram também horas inesquecíveis e hoje desenvolvem a sua actividade noutros jornais ou noutra área profissional.

Um dos aspectos mais interessantes destes depoimentos é a diversidade de opiniões, que reflecte de algum modo o perfil psicológico dos seus autores. Ver-se-á, por aí, como uma redacção era (é) um pequeno mundo, um caleidoscópio de pessoas, opiniões, culturas e caracteres, numa mistura às vezes explosiva, mas habitualmente fértil, que gera diariamente um jornal. Talvez não seja exagerado dizer que um jornal é um microcosmo, desde a redacção que o escreve até ao produto final, para quem o vai ler. Sem falsa modéstia estamos convencidos de que «A Capital» é mesmo assim.

UMA OUTRA VISÃO DO MUNDO

TUDO começou um dia, quando eu tinha 18 anos, andava a estudar Jornalismo no primeiro curso que existiu, no ISLA, e a minha irmã mais velha veio ter comigo e perguntou se eu já tinha lido o jornal. Como eu tivesse dito que não, ela mostrou-me a edição do dia de «A Capital», onde vinha um anúncio que dizia assim: «Quer ser jornalista?» Enumeravam-se a seguir as condições exigidas e, como eu preenchesse todos esses requisitos, respondi. Passados dias recebi um aviso para ir ao jornal. Foi então que entrei num mundo completamente novo para mim.

Lembro-me de que falei primeiro com o Iriarte, que era o chefe da redacção, e depois com o Beça Múrias, que era o adjunto e que já faleceu. Depois recebi um telefonema em minha casa, dizendo para me apresentar ao trabalho no dia seguinte. Eu estava tão longe de saber o que era um jornal que respondi, espantada. «Amanhã? Mas amanhã é feriado!» É que, apesar de ter falado com jornalistas pela primeira vez, eu estava longe de saber o que tudo aquilo verdadeiramente era.

O primeiro serviço marcado foi uma reportagem sobre uns cisnes nascidos, se não me engana, no lago da Praça da Alegria. Fui acompanhada por um colega mais velho, como era hábito naqueles tempos, mas senti imensos problemas. Tinha muita vergonha de falar com as pessoas e depois, antes de passar ao papel, pensei vinte vezes. Mas devo con-



Diana Ulrich, jornalista de «A Capital» de 1972 a 1974, é actualmente adjunta do presidente da Assembleia da República para a Comunicação Social.

Por DIANA ULRICH

fessar ter tido muito apoio dentro da redacção. Havia sempre gente que me ajudava.

Com a minha entrada em «A Capital», foi toda uma perspectiva profissional que se me abriu. Tive contactos excelentes, que ainda hoje mantenho. Mais ainda: abriu-se-me a porta para um mundo que eu não conhecia, nem mesmo sabia que existia.

Problemas nunca tive. Talvez por ser a mais nova da redacção, fui sempre muito bem tratada, às vezes até excessivamente. O Beça perdoava-me os «furos», quando chegava atrasada, o que deixava o Daniel Ricardo (subchefe de redacção) «fulo».

O serviço que me deu mais problemas foi uma entrevista com o Omar Shariff, que estava no Estoril. Mandaram-me ir entrevistá-lo e lá fui. Tive uma conversa engraçada com ele e, ao outro dia, a minha peça ocupava, destacada, a última página, o que me deu um certo gozo. Mas confesso ter tido a joda de alguém lá dentro, já não recordo de quem.

Vivi em «A Capital» o ano emocionante de 1974 e, apesar da minha origem de classe — que me poderia ter criado problemas —, nunca tive nenhum.

Ouvi umas piada, no género de «Onde é que escondeste as pratas?», mas eram coisas ditas sem agressividade, das quais até eu me ria.

No fim de 1974, casei e deixei «A Capital». Fui com o meu marido para Paris, onde ele esteve colocado quatro anos e meio. Ali me nasceu a primeira filha. Durante todo esse tempo em França fui apenas dona de casa. Ainda

estive para ficar como correspondente de «A Capital», mas realmente não tinha tempo. Entretanto, tirei ali um curso na Escola Superior Secretariado.

Em 1979, regressei a Lisboa. Estava-se a início do esforço eleitoral da Aliança Democrática e um dia, em conversa com o dr. Pinto Balsemão, de quem eu e meu marido somos muito amigos, disse-lhe que estava sem fazer nada e gostaria de trabalhar nas eleições. Ele conseguiu-me um lugar no gabinete de imprensa da campanha. Finais desta, fui convidada pelo PSD para ingressar no gabinete similar do partido. No princípio, não fiquei como efectiva, porque estava de novo à espera de bebé. Finalmente, regressi no PSD como funcionária do gabinete de imprensa, a cujo quadro pertencço.

Recentemente fui convidada pelo prof. Valério Crespo, presidente da Assembleia da República, para o lugar de adjunta para a imprensa no seu gabinete — é um posto muito interessante e que se abre pela primeira vez, depois de muitos jornalistas e os grupos parlamentares terem feito sentir a sua necessidade. Trata-se, também para mim, de uma experiência completamente nova, depois do jornalismo e do trabalho periodário.

Na base disto tudo está realmente «A Capital», pois é na área da comunicação social que afinal continuo a trabalhar. O ter sido jornalista e jornalista em «A Capital», figura no meu currículo e facilitou-me imenso a vida profissional. Na realidade, deu-me uma outra visão do mundo.

AKAI

Uma GARANTIA de FUTURO!

GARANTIA GALSOM 2 ANOS

Hi-Fi & Video.

...E JÁ LÁ VÃO VINTE ANOS!

A quem julgue que o jornalista é a continuação da política, por outros meios — parafraseando (mal!) Clausewitz. E eu também assim pensava quando, há cerca de 20 anos, entrei para a redacção de «A Capital», municiado com o tradicional «canudo» obtido na Faculdade de Direito de Lisboa, a tarimba política adquirida nas associações de estudantes e o exercício da escrita especulativa executado ao longo de vários meses na revista «O Tempo e o Modo».

Cedo compreendi que estava errado e depressa me convenci, na velha sala de redacção de um segundo andar da Rua do Século, que o jornalismo é uma profissão exigente, com regras próprias e existência autónoma, que deve ser permanentemente alimentada pela curiosidade e o rigor, a imaginação e o espírito crítico, a clareza e a concisão, a incessante busca da objectividade possível e da verdade nua e crua, doa a quem doer. Quanto mais livre e independente, mais fascinante se torna o jornalismo. A submissão, a obediência e o sectarismo são seus inimigos mortais.

Foi a aceitação destas regras básicas que permitiu — creio eu — a convivência tantas vezes fraterna entre profissionais do mesmo ofício com ideias políticas diferentes, e em muitos casos divergentes, não apenas na redacção de «A Capital» mas também nas redacções de outros jornais onde, nesse tempo, se travava a mesma luta quotidiana pela liberdade de

informação e de expressão, contra a censura, a ditadura, a intolerância e o obscurantismo.

Guardo desses anos que passei como jornalista profissional, primeiro n' «A Capital» e depois n' «O Século», a memória bem viva. Sou do tempo em que o jornalismo se aprendia na rua, de bloco e esferográfica em punho, nas salas de redacção, agarrado ao telefone, nos arquivos, a coscuvilhar documentos e fotografias, e na tipografia, à hora da montagem e fecho da primeira página. Era um mundo que por vezes me dava a ilusão de estar a viver um romance policial do Raymond Chandler ou um filme negro do Samuel Fuller. Ilusão que depressa se desfazia quando entrava no Governo Civil ou na Polícia Judiciária, a fazer «a ronda das polícias», ou nalguma repartição pública salazarenta, à cata de informações quase sempre inúteis...

Tive por mestres alguns grandes jornalistas da «velha guarda» — Norberto Lopes, Mário Neves, Maurício de Oliveira — que se sentavam na mesma sala de redacção do velho segundo andar da Rua do Século. Ainda estou a vê-los: Norberto Lopes ao telefone, depois de escrita a «Nota do Dia», com uma paciência e argúcia inultrapassáveis, a tentar persuadir o «coronel da Censura» de que o preto, se não era branco, era pelo menos cinzento; Mário Neves, sentado na secretária ao lado, o gesto nervoso e a palavra sacudida, a ocupar-se de tudo,

desde a mais simples notícia ao mais complexo problema administrativo; Maurício de Oliveira, charuto ao canto da boca e dedos nos suspensórios, «velha raposa» cheia de experiência e astúcia, cujo sorriso lhe franzia os olhos e tanto podia prometer chalaça como anunciar borrasca...

Com os da minha geração também aprendi, e muito. Se não os nomeio, é para não pecar por omissão. Com muitos deles transitei para as novas instalações da Joaquim António de Aguiar — estava já eu na tropa, mas fazia todas as manhãs uma «perminha» — e alguns deles fui encontrá-los, depois, na redacção de «O Século», ainda antes do 25 de Abril.

Abro apenas uma excepção para recordar o convívio profissional, simultaneamente tempestuoso e fraterno, que mantive com o Rodolfo Iriarte, velho amigo que hoje dirige — e bem — «A Capital». Depois do 25 de Abril, as contingên-



Alfredo Barroso, jornalista de «A Capital» de 1969 a 1973, é actualmente chefe da Casa Civil do Presidente da República

ALFREDO BARROSO

clas da vida política — algumas delas admiráveis! — associadas ao «vício» adquirido em família, desde pequenino, obrigaram-me a fazer dela — política — profissão. Não sei se fiz bem, se fiz mal.

Ainda estou demasiado dentro dela — política — para evocar ou comparar. O

que sei é que aquilo que mais me fascina na política é, exactamente, aquilo que mais se parece com o jornalismo...

Mas a política também não é a continuação do jornalismo, por outros meios! Uma e outra profissão não podem, nem devem, confundir-se...

A MÍSTICA DO AMOR À CAMISOLA

SE há jornais que não (re)nasceram para ser submissos, cómodos ou incarácterísticos, tipo água morna ou comida industrial, que alimenta a rotina, antes com mística bastante para servir o público na azáfama constante da procura da notícia, «A Capital», de cuja equipa tive a honra de fazer parte, ao longo de uma década, bastante acelerada, ocupará a primeira linha.

Mais ou menos incómodo, mas sempre digno, mais ou menos frenético, mas sempre frontal, o jornal foi sempre feito a quente, com nervo e empenhamento. Relegada a época do chumbo para o museu da história dos processos de feitura de um jornal, por mais fria e cinzenta que se sirva a tecnologia, «A Capital», dirigido ao público que pretende ser informado apressadamente e com rigor, entre a viagem de regresso a casa e o jantar, ou noutra intervalo qualquer que a comburenta vida cidadina o permita, é dos vespertinos que nunca será criado a frio.

Impôs um estilo, tem rosto definido, assenta na qualidade de acabados profissionais, indissociáveis do jornal (francamente, não estamos a vê-los noutra órgão, fora do seu meio ambiente). A

mística de suar e sofrer por amor à camisola é chama que apanha quem, um dia, se viu metido no mesmo grupo de trabalho.

Particpei em milagres quotidianamente repetidos. Entrava às 8, pela fresquinha, deparava com o Rodolfo Iriarte geralmente mal disposto — quase sempre com razão. A confusão subia de tom às 9, poucos, à excepção do chefe, fariam a menor ideia do que poderia oferecer-se ao leitor de razoável qualidade. Discutia-se espaço, às 10 o transe era colectivo — se aparecesse uma brigada de saúde mental poucos escapariam e, provavelmente, enganar-se-ia no diagnóstico.

O desgaste nervoso de três horas equivaleria ao de um dia inteiro. Escasseava até o tempo para introduzir-se cinco coroas numa maquina que pingava qualquer coisa que as criancinhas em jejum não detestariam. Começava, então, a acreditar que sempre haveria edição para apanhar a teia da distribuição. Uff! que alívio, para hoje a tralha está desenhada.

E as segundas edições de domingo, com relatos de futebol em tudo o que era sítio, reforçados por piquetes em que al-

guns elementos, vocacionados e especializados noutras áreas, não sabiam ao certo quantos jogadores tinha uma equipa de futebol e se os artistas tinham dois nomes ou, então, o desafio metia substituições, era sarilho assegurado.

Foram uns tempos loucos, de tensões e descargas, de (des)enrascanço. Cultivava-se a frontalidade e a dignidade. Até o golpe rasteiro, que sempre poderá haver quando se encontrarem dois portugueses, mais frequente onde se reunirem pessoas sob certa ordem ou desordem, obedecia a um princípio ético inderrogável: nunca pelas costas e, se possível, com agitação e estridor, melhor ainda se der chamada à primeira página.

Bem sei que os tempos são outros, o jornalismo de rua recuou até ao gabinete, os «macintoshes», que dão cabo das nossas ricas vistinhas, não gemem como as máquinas de escrever.

«A Capital», felizmente, ainda preser-



Faria de Moraes, jornalista de «A Capital» de 1972 a 1981, é actualmente redactor principal de «O Jogo»

Por FARIA DE MORAIS

va virtudes, que trouxeram honradez à profissão de jornalista que, inelutavelmente, não poderá constituir abrigo de

uns rapazes que até sabem escrever umas coisas e andavam por aí sem coacção.

Este jornal é impresso com
TINTAS
LORILLEUX-LEFRANC

A AUSÊNCIA TEMPORÁRIA DO MANUEL BEÇA MÚRIAS

NÃO foi n'«A Capital» que conheci o Manel, mas uns anos antes, três ou quatro, quando nos avistámos uma tarde na cozinha de um palácio loteado, a Santa Marta. Era ali a redacção da «Flama» e eu, estudante de Românicas, entrava desse modo nos jornais. Levava debaixo do braço uns números já velhotes do «Diário de Lisboa Juvenil» onde colaborara nos inícios de 60, e o Manel Beça Múrias, displicente, lançou a sagaz miopia a uma dessas folhas e disse com aquele sorriso luminoso: «Eu também já fiz coisas assim. Agora, se queres vir para esta vida tens de pôr tudo de parte e reaprender a escrever.» Não pus inteiramente e por isso nunca fui um repórter como ele foi.

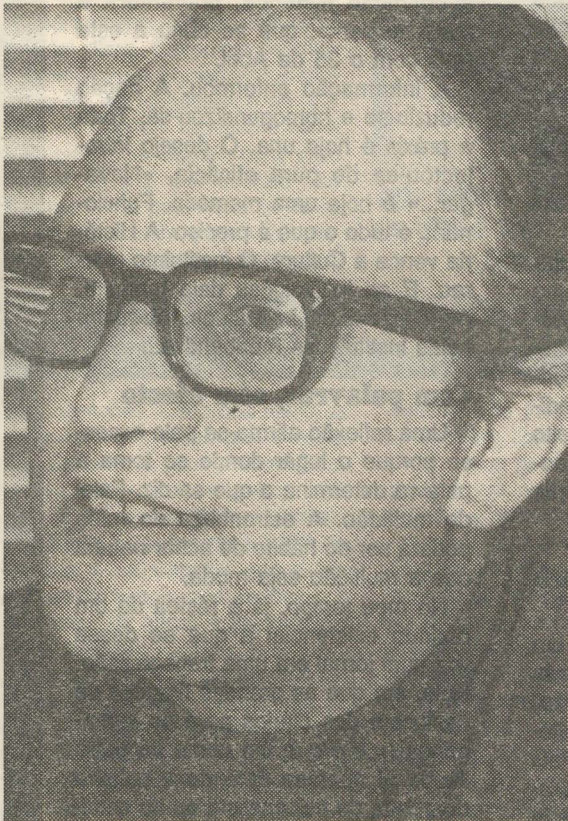
Nem ninguém, suponho. Ele já nessa altura se arrepelava um pouco por não ter mais oportunidades de escrever. Ou seja, de andar na rua, ir ao encontro da notícia como fizera no «Diário Ilustrado» e no «Lisboa». Amargurava-se, embora gostasse também do que fazia: trabalhava de manhã na Associated Press onde redigia não sei que prodigiosos telexes, à tarde estava ali na cozinha a passar prosas, a virá-las todas do avesso, a cozinhar, afinal, como ele dizia.

Foi o meu primeiro chefe de redacção e o meu único professor de jornalismo. Ao partir para um serviço levava as recomendações que ele me fazia, breves e concisas. «O ângulo é este, a notícia está nisto.» Muitas vezes, depois, sem aquele apoio imediato, eu dava comigo nos locais, tremendamente acompanhado de coisas e de gente, a perguntar-me, sozinho comigo mesmo: «Como pegaria o Manel nisto?...» Os poucos chavões que aprendi, regras de ouro de conduta essenciais, transmitiu-mos ele daquele modo distraído e rápido que era uma forma de iludir o pudor. *Primum inter pares*, sentava-se ao mesmo nível dos que começavam, sabendo embora mostrar por vezes uma dureza inesperada. Tinha sempre razão nesses momentos. E a seguir convidava para o almoço.

Reencontrei-o em 1971 n'«A Capital», para onde entrou como chefe de redacção adjunto e onde muito contribuiu para o lançamento das bases de um novo tipo de jornalismo. Dou comigo a escrever isto e sinto vontade de riscar. Como o Manel se ria! Cúmplice dos pensamentos reservados, encontrava motivos de alegria nas coisas por que outros passavam sem as ver. Estou mesmo a ouvi-lo a rir, a rir, quase em silêncio, no meio da indiferença ao mote dos restantes, a rir e a coçar o ouvido dando ao mesmo tempo uns estalos guturais de que ele tinha não sei que estranho segredo.

Depois d'«A Capital», por onde passou um pouco como um meteoro, coordenou alguns números do ressuscitado «Sempre Fixe» para aderir em seguida ao projecto de «O Jornal». Ali foi coordenador, chefe de redacção e director adjunto, chegando a repartir essas funções com um lugar na direcção do «Se7e». Terá sido, porém, n'«A Capital» que mais terá brincado, rido à sua maneira de criança, enquanto transpunha para o modelo do tablóide a realidade cinzenta desses tempos. Creio que era ele a consciência máxima dos limites assim ultrapassados, o que não implicava desrespeito para com o público: o Manel, creio já ter dito, vivia num mundo cumplicidades tácitas.

Escrever que os mortos estão presentes é banal. Ele desapareceu em Agosto do ano passado, com 49 anos de idade, mas se cá estivesse e lesse rir-se-ia muito. Direi assim apenas que a falta que dele temos é a que sentimos por um amigo temporariamente ausente e que a qualquer momento poderá voltar.



Beça Múrias em «A Capital» — o seu dinamismo ajudou a marcar uma época do Jornal

A ESCOLA DA MINHA VIDA

HÁ vinte anos as manhãs eram frias, embora a década que então terminava viesse desenvolvendo uma onda de fraternidade e de esperança. A geada ganhava os canteiros da cidade, os nossos bafos eram agradáveis de ver e de sentir, a ditadura abria uma lindas brechas pequeninas e tudo possuía aquela nitidez de recortes apenas perceptível quando as manhãs seduzem. Dir-me-ão alguns que estou errado, que este é o retrato de outras épocas, e eu responderei com a parte de verdade que me cabe: éramos jovens nesse tempo.

O próprio edifício pombalino da Rua do Século onde estava amontoada a redacção d'«A Capital» adensava o contraste estimulante de que era feito o mundo. Eu já passara dois anos a escrever na cozi-



Luís Almeida Martins, jornalista de «A Capital» de 1970 a 1975, é actualmente director-adjunto do «Jornal de Letras»

Por ALMEIDA MARTINS

nha de Santa Marta onde era a «Flama», coabitando com outros que me acompanhariam até ao Bairro Alto, e ali verificara que a cidade, o País mesmo, não eram aqueles espaços de vento ao lado do Campo Grande abertos à contestação e ao receio, mas um outro e bem mais imprevisível macrocosmo, pontuado pelos gestos e as vozes das pessoas.

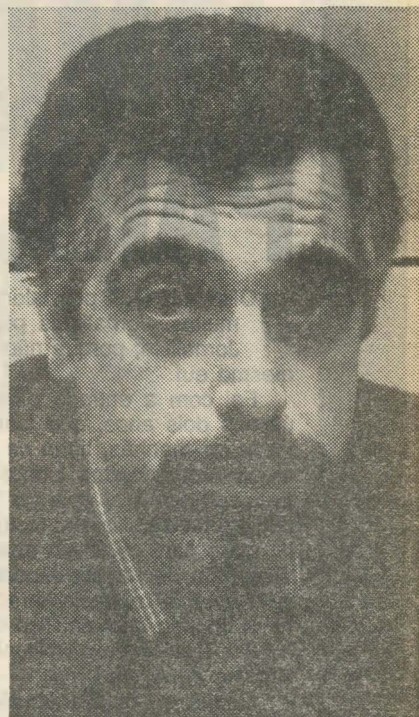
Dizia-se que éramos uma geração nova dentro dos jornais, armada de umas sebatas de classe que fariam falta ao grosso da vaga que aos poucos íamos rendendo. Talvez, quem sabe? Esse tempo de certezas já passou e é provável que em 2008 outros escrevam isto por palavras suas. As etiquetas de espécie, essa louca invenção vulgar de Lineu, falsearam tanto mais o universo quanto contribuíram para o aconchego da sua arrumação. Entrávamos no mundo, isso é verdade, e arredondávamos os olhos de um espanto mal disfarçado nas folhas onde víamos os quotidianos testemunhos. Eram os despejos camarários logo pela manhã com a modesta enfiada de móveis no passeio e a mulher afilada a enclavinar os dedos nos antebraços, eram os incêndios nos bairros de barracas na hora do rescaldo, também alguns crimes passionais, aquele alfaiate no quarto esconso a passar a ferro as entretelas com a gaiola do canário no

vão da janela e a pressagiar a morte da sua classe. As manhãs eram frias, como suponho ter-vos dito, e o nevoeiro da madrugada persistia ao longo das horas em que tudo se movia naquele meio silêncio do encontro nascente com a vida.

Não eram menos relevantes as descobertas no interior do jornal. O cilindro da engrenagem pesava sobre nós, ali chegados assim, com a bandeira de outras lutas enrolada e uma ingenuidade logo resignada ao compromisso. Da teoria passávamos à prática com a brusquidão de um soco. Interesses laterais, pequenos e difusos, enchiam as manhãs do hábito da vida. Mortes chegadas aconteciam mesmo ao lado. Como eram diferentes dos compêndios os gestos de todos os dias...

Criámos deste modo vícios de forma e de fundo mas aprendemos a tolerância até connosco mesmos. Se aprendemos a perfídia, essa flor delicada de cultivo tão raro e tão difícil, não sei agora responder. Nem quero. Mas sei, isso sei, que se a experiência é a mestra de tudo quanto há, a nossa escola de vida (a minha, pelo menos) foi o jornal «A Capital» e as janelas que ele me abriu nesse período do tempo português a que se chamou o marcelismo. Quando as manhãs eram finas e cortantes e o futuro seduzia com acenos de mulher.

O DIA 25 DE ABRIL NA CAPITAL DO IMPÉRIO



Cáceres Monteiro, jornalista de «A Capital» de 1970 a 1975, é actualmente director-adjunto de «O Jornal»

MESMO poucos anos decorridos sobre os acontecimentos cada interviniente conta a mesma história com alguns pormenores diferentes. Uma gravação de duas horas que tenho em meu poder, de uma cassetete que sem ninguém saber girava discretamente sobre uma secretária, e que regista a excitação e o entusiasmo das primeiras horas, também não contribui grandemente para a reconstrução dos factos.

Foi porque começámos cedo e trabalhamos depressa que a edição de «A Capital» foi a primeira a sair e os militares que marcharam sobre o Largo de Carmo já a liam, empoleirados nas Chaimites. Há mesmo um postal ilustrado alusivo à época que evoca isso mesmo: um soldado libertador a ler «A Capital» em cima de um blindado!

Eu era, na altura, subchefe de redacção, mas ao mesmo tempo estava na tropa, cumprindo o serviço militar obrigatório. Devo confessar que, apesar disso, e das minhas tradições do revirralho, não tinha o mínimo sinal do que estava para acontecer. É certo que houvera um «aviso» do «abalo»: uns dias antes, acontecera o 16 de Março. Mas, porque essa tentativa de golpe falhara, quando, às primeiras horas da madrugada, fui avisado de que devia ir para a redacção, confesso que, além de sonolento, estava pouco entusiasmado: mais uma intenção, destinada a abortar, pensei. E, dados os rumores que havia, seria de esquerda ou de extrema direita? Uma vez chegado ao jornal acordei a maior parte dos redactores adormecidos. Ainda o sol não

rompera, já havia jornalistas de «A Capital» por toda a cidade.

Lembro-me que o Luís Filipe Costa nos telefonou a perguntar se sabíamos alguma coisa, se era um movimento de esquerda ou de direita. Fez isso antes de se dirigir para o Rádio Clube Português. O primeiro sinal de que se tratava de uma tentativa revolucionária democrática foi o facto de, pouco tempo decorrido, ser ele a ler os primeiros comunicados do MFA, sigla que surgia, assim, pela primeira vez à luz (ainda ténue) do dia.

A edição ganhava força. Lembro como gozámos quando um dos directores telefonou de casa, já o sol ia alto, abismado com o que ouvia na rádio e exclamando: «Mas vocês estão aí? A rádio está a dizer para ninguém sair de casa!»

Dispensou-me de reproduzir os comentários do Rodolfo Iriarte, que na ocasião era o chefe de redacção. E também evito transcrever os termos da sua resposta quando lhe perguntaram se não estava a... mandar as provas para a censura!

A edição avançara, sem directores nem censura. Eram as primeiras palavras inteiramente livres desde a fundação do jornal.

Eu ardia em ânsias de ir para a rua. A imaginação fervia, acicatada pelas descrições dos repórteres que vinham da cidade «em pé de guerra» e dos telefonemas que chegavam de todo o País.

Terminada a primeira edição, tive «luz verde» para «ir ver o que se passava». Fui até ao Carmo. Na Rua da Mise-

ricórdia cercavam a Comissão de Censura e ouvi as rajadas de metralhadora das tropas que sitiavam o quartel do Carmo, onde se refugiara Marcelo Caetano.

Cheguei a tempo de assistir à chegada de Spínola e à «remoção» de Marcelo Caetano num blindado. Já vinha de trás o meu gosto por «ver a História na primeira fila»: jovem repórter estava mesmo à beira da campa do Vimieiro (Santa Comba), também ao serviço de «A Capital», quando a urna de Salazar desceu à terra. No Carmo, assistia a tudo junto à guarita da guarda republicana. Lembro que João Soares, meu com-

Por CÁCERES MONTEIRO

panheiro desde o tempo da Pró-Associação dos Liceus e meu colega de curso na Faculdade de Direito, estava ao meu lado. Foi ali que pela primeira vez vi Salgueiro Maia e Francisco Sousa Tavares, em cima do galho de uma árvore, com o megafone...

Quando voltei para a redacção, a administração mandou vir champanhe do Hotel Ritz para festejar. Apareceu um *groom* rigorosamente fardado com uma garrafa numa bandeja de prata. (Alguns ainda não tinham percebido que tempos estavam a chegar.) Recordo-me de andar a correr à volta dos quarteirões vizinhos partilhando o entusiasmo de um dos nossos administradores, Carlos Mascarenhas de Lemos, que alguns meses depois seria... preso pela PM!

Conhecia suficientemente dos livros as revoluções e da prática os nossos revolucionários para cedo me começar a inquietar com o artificialismo e radicalismo das manifestações das primeiras horas, onde se apressaram a incorporar-se muitos daqueles senhores que ainda na véspera tinham aplaudido Marcelo Caetano no Estádio de Alvalade. E outros, que tinham maiores culpas no cadastro...

Destes dias, com a minha mania de guardar coisas, retenho panfletos, as edições de «A Capital», a tal fita gravada; e mantenho zelosamente a amizade de todos os camaradas de «A Capital» que, como eu, naquele dia, viveram apaixonadamente as primeiras horas de liberdade. Era o primeiro dia da queda do Império.

O QUE MAIS ME IMPRESSIONOU EM 50 LINHAS

O Pedro Veira disse-me que podíamos escrever sobre «o que mais nos impressionou n'«A Capital» em 50 linhas». Pouca linha, para tanta impressão, e aqui vão elas: o anúncio do emprego, no «DN», «empresa jovem e dinâmica precisa de jovens dinâmicos, de ambos os sexos», pensei que era para uma «boite»; o comité de entrevista, uma barricada de meia-idade (eu tinha 20 anos), de sobrolho erguido e sorriso irónico, lépidos na pergunta; abrir o jornal e ver publicada a primeira reportagem, que começava «vamos para a cama, vamos para a cama...». O Manel Beça Múrias dera-me um jogo de futebol ou, se chovesse, um leilão. Felizmente choveu. Aos domingos à tarde, o Amadeu José de Freitas, aos gritos na Luz «penalty!!!», e eu, do outro lado da linha, na redacção, «pé quê??», e ele em explicações pacíficas. À saída dos estádios, já os ardinas apregoavam o jornal, com o resumo de todos os desafios do dia, e o Amadeu dizia-me divertidíssimo, «menina, tinha a Luz a olhar para mim!».

Às 9 da manhã, o Batoreo, vestido de negro, copo de uísque numa mão, cigarro na outra, o Beça, o Daniel, o Cáceres, o Iriarte, os outros. Andar com o Hélder Pinho e o motorista, de noite, à procura do leão de Rio Maior, já não me lembro se o encontramos. Os motoristas, mortos na estrada ao serviço do «seu jornal».

Um boneco do Joaquim Lobo, uma família de desalojados por um qualquer incêndio numa barraca, emoldurados pelo

Ministério da Justiça. O lápis azul. O Nelinho, o menino que o pai raptou de casa da mãe, a repórter à espera que o motorista de táxi acabasse a leitura embrenhada da história das centrais, e lhe cobrasse a corrida. A alcunha para o director, por causa do «Nelinho». «Paz!» no Vietname, outra primeira página que levou a concorrência a perguntar, «mas agora o teu jornal dá tiros a seis colunas?!». Os bonecos de Pedro Oliveira e do Batoreo, com duas velinhas a velá-los e uma explicação, «mortos ao serviço do seu jornal no Médio Oriente», no balcão onde o sr. Albano enrolava os paleios e os atirava para a tipografia. Voltaram vivíssimos, graças a Deus, que não havia nada como ir ceiar às tantas, às Galerias Ritz, e pelo caminho o Pedro esmurrar todos os caixotes do lixo, «porque tudo isto era uma...». Até que um dia, o telefonema de madrugada, «vêm para a redacção, que isto está a mexer», e de que maneira. Ao sair do túnel, a polícia da A. A. Aguiar cobria a rua, metralhadora assanhada, a reportagem a trocar posições com o trabalhador de fato-macaco e lancheira, à porta do Metro. O dia radioso, a despontar no Marquês de Pombal, o António Santos a passar a toda a brida num carro do seu jornal, cabeça de fora aos gritos «Liberdade! Liberdade!», de certeza que foram os primeiros daquele dia. Outra vez as metralhadoras, à porta do Lumiar, o sinal com o cano de que podia entrar, o capitão Bento. E o aspirante António Reis, a fazer-me passar por cima de um cordão de PM que

vedavam o acesso ao elevador que conduzia à varanda de Santa Apolónia de onde o regressado se dirigia ao povo. A zanga do Gageiro, por não lhe ter cedido o lugar no elevador — nunca me perdoei. A hipocrisia mandada às urtigas, prisões de portas abertas, o exílio acabado, a família regressada. A milhares de quilómetros, bandeira para baixo, bandeira para cima, tiros para o ar, ouvidos no radinho de um Honda 600, a família retornada. «No momento em que o PS aparece como a força política mais votada...», a entrevista ao secretário-geral, que perguntou «e você, é da AOC?», e ficou todo zangado por achar que não, «olhe que lá na Albânia não usam camisolas de cachemira, como a senhora jornalista!»... O Alfonso Sastre, saído de Caranbachel, o Sastre em «Cuba au but de la route», a Rossana Rossando, a Isabel do Carmo, o Carlos e o Melo Antunes. Ir à noite, de olhos vendados, a uma conferência de imprensa de soldados encapuçados, só mesmo no Entroncamento. O seu jornal, o melhor do PREC. Não termos aproveitado óptimos pretextos para nos livrarmos do péssimo feito do Iriarte, que passou 3 anos a re-



Joana Godinho, jornalista de «A Capital» de 1973 a 1976, é actualmente médica

Por JOANA GODINHO

petir «aquela gaja tem a mania que os camelos comem alpista», mas que, no fim, acrescentou «se quiseres voltar,

tens a porta aberta». Em quantas linhas ficou por dizer o que mais me impressionou n'«o seu jornal»?

VIII — 20.º ANIVERSÁRIO

A «RAMPA» PARA O JORNALISMO

JORNALISTAS por talento, por queda, até por tradição, conheço muitos. Jornalistas por acidente, porque calhou, sei de alguns. Jornalista, porque não se foi capaz de cumprir um juramento, só mesmo eu!

Foi com a entrada para o Liceu Maria Amélia, onde ia fazer os últimos dois anos, que tudo começou. O liceu era longe de casa e, todas as manhãs, tinha de descer da Quinta das Mouras, no Lumiar, até à Alameda das Linhas de Torres, esperar pelo eléctrico, ir até Entrecampos e aí apanhar o Metro para o Marquês. Era o tempo da carteira de 10 bilhetes, (comprada ao domingo à noite): um bilhete para lá, outro para cá, cinco dias por semana. Tudo por 14 escudos com a vantagem de ter correspondência com o eléctrico. As aulas começavam às 8.30 e, meia-hora antes, já eu atravessava, sozinha, aquele túnel imenso mas pacífico que ia desembocar no Hotel Fénix.

Depois... vinha o tormento: galgar até lá acima a rampa da Joaquim António de Aguiar!

O que eu odiava aquela rampa! Os percursos que eu fiz para a evitar!

Até ao dia em que, acabadinha de consultar as pautas onde estavam afixadas notas que me permitiam uma entrada directa na Faculdade de Letras, despi a bata branca de pregas, com o bolsinho do lado bordado a cheio com um monograma que dizia «VII Turma L» e, perante várias testemunhas, fiz o seguinte juramento:

«Para aquelas bandas nunca, por motivo algum, hei-de querer um emprego.»

Estava feito. Daquela rampa já eu me livrara. Entretanto, ia tendo outras, para me entreter. Todos os dias, descia a de minha casa, do alto da Quinta das Mouras, onde morava, até ao Quartel do Lumiar e subia depois, a pé, a rampa da faculdade, onde só não morava porque não podia. Foram 5 anos de rampas, é certo, mas com essas podia eu bem.

No dia 29 de Dezembro de 1972 (lembro-me perfeitamente), a Leonor que eu deixara de ver todos os dias porque arranjara um *part-time* como tradutora, telefonou-me a perguntar se eu queria ir trabalhar com ela. Era n'A Capital, jornal que, confesso, nunca tinha lido. (Lá em casa, era o *Diário de Notícias* de manhã, e o *Lisboa* à tarde).

E é para ir aí quando? — perguntei, convicta, não sei porquê, de que o «aí» era para os lados de O Século.

— Já, se puderes — disse ela.

— Então, explica-me como é que chego aí, que eu não faço a mínima ideia.

— Então, sais no Marquês, sobes a Joaquim António de Aguiar e A Capital é mesmo cá em cima, no último prédio.

— Não vou! Não vou, nem pintada. Essa rampa, eu não subo nem que lá no alto esteja o melhor emprego do mundo.

— Então, vem de táxi — disse a Leonor, sem deixar de avisar, minha grande amiga que era:

— Vê lá, olha que isto aqui é um bocadinho esquisito. E depois baixinho: — As pessoas são meio malucas. Mas pagam bem. É à folha!

Eu estava no fim do curso. Para o ensino nem pensar! E se não arranjasse mais nada? Talvez as traduções fossem um bom começo. Talvez viesse, depois, a arranjar uma coisa melhor. E, para já, tinha a vantagem de trabalhar com a minha melhor amiga.

Fui e fiquei nesse mesmo dia. Deram-me uma máquina teclado AZERT, que deixava os «bês» pendurados. Que dificuldade, meu Deus, para escrever os «as» com o dedo mindinho esquerdo, como ensinavam na Escola Pátria.

Mas mesmo que me tivesse calhado uma HCESAR, de nada me teria valido. É que, à minha volta, estavam não sei quantos matulões, de cigarro pendurado na boca, um olho fechado por causa do fumo, a cinza a cair para os interstícios das teclas, os dois dedos indicadores a martelarem na máquina a uma ve-



Gabriela Iriarte, jornalista de «A Capital» de 1974 a 1981, actualmente editora-executiva das «Selecções do Reader's Digest»

Por GABRIELA IRIARTE

locidade cem vezes superior à minha.

Nessa noite, pus-me a fazer as contas. A partir do fim do mês — mantendo-se as traduções ao ritmo do primeiro dia — podia dar-me ao luxo de ir de táxi. No fundo, só tinha que subir a rampa a pé mais uns 20 dias. Fui de novo, e fiquei de vez.

Ganhava cinco vezes mais do que um estagiário da redacção. Daí que se perceba porque, no dia 23 de Abril de 1974, ao ser chamada à «jaula» do chefe, usei responder: «Nem pouco mais ou menos! Descia de 10 para 2 contos e ainda por cima passava a ter tratamento *abaixo de cão*.» Por sugestão do Ápio, acabava de ser convidada para entrar para a redacção. Prometi que ia pensar.

Na manhã de 25 Abril, apresentei-me no jornal, não para traduzir, que o *part-time* era só de tarde, mas para saber novidades mais frescas.

— Já vens começar? — perguntou-me o chefe da redacção quando me viu aparecer de manhã.

— Hoje? Só se fosse maluca. A verdade, porém, é que ainda não me tinha decidido. Onde é que eu ia arranjar a estaleca do Fernando Gaspar, a lata do Pedro Oliveira, o talento do Beça, a meticulosidade e a perfeição do Daniel, a criatividade do Cáceres, a persistência do Mário, o faro do Hélder Pinho, a rapidez do António Carvalho, a graça do Almeida Martins, o empenhamento do Miguel (ainda estagiário e sempre muito bem comportadinho) mas, sobretudo, a facilidade de escrita bonita do Ápio Sottomayor? E o ordenado que era tão pouquinho?

Quatro dias depois, dei comigo na Ribeira a cobrir para o jornal a ocupação do Mercado pelos respectivos vendedores. Uma coisa fresca...

Os dois contos, esses, em quinze dias tinham aumentado

para oito, graças às «reivindicações» da classe e à «boa vontade» do patronato.

Foram mais 5 anos de rampa, agora várias vezes ao dia: umas de táxi, outras a pé (porque não?) ou mais tarde de autocarro, por obra e graça do passe social.

Com a mudança para o Bairro Alto, fechava-se o pano sobre a rampa da Joaquim António de Aguiar. E nova rampa me esperava. A do elevador da Glória para, dos Restauradores poder chegar lá acima a A Capital. Essa, porém, fazia-a sentadinha no amarelo da Carris.

No dia 2 de Dezembro de 1979 deixei A Capital. Fui requisitada para trabalhar em ministérios. Mais tarde, podia ter voltado. Quem me dera ter voltado! Só que as coisas para mim tinham mudado, voltar não dava jeito e ponto final. Noutro jornal, também não me via. Optei por fazer outras coisas.

Até que, de novo em Dezembro, mas de 1982, li no *Diário de Notícias* um anúncio pedindo um jornalista para uma revista mensal, que ficava — julgava eu, e ainda hoje muita gente julga — nada mais, nada menos do que... na Joaquim António de Aguiar!

Concorri e fui admitida. Afinal, tinham acabado de mudar, um pouco mais para o lado, ao alto do Parque.

Voltei, pois, ao jornalismo. Para trás, ficou o frenesim do jornal diário e ficou, sobretudo, uma saudade enorme de coisas que gostei muito de fazer. Hoje, porém, vivo no dia-a-dia, uma sensação única: a de saber que leitores na Europa, em Hong-Kong, nos Estados Unidos, na Austrália, na Índia ou mesmo no Líbano podem estar a ler, simultaneamente, o mesmo artigo.

É a sensação única que me dá trabalhar, lá ao cimo da rampa e depois à direita, na revista mais lida no mundo: as «Selecções do Reader's Digest».

O PRIMEIRO DIA DO RESTO DA MINHA VIDA

VINTE ANOS... Custa a crer! Mas contas são contas e o calendário não engana. Fevereiro de 68 corria cinzento, quando subi pela primeira vez as escadas de pedras do velho prédio da Rua do Século, onde nasceu a «A Capital» contemporânea. Foi esse o primeiro dia do resto da minha vida. Fazia, sem o saber, um percurso que, desde então, se tornou quotidiano: o caminho para a redacção.

Aí, num primeiro andar que serve de amparo à Calçada dos Caetanos, conheci os primeiros mestres. Norberto Lopes e Mário Neves, os directores, Maurício de Oliveira, o chefe de redacção. Da equipa inicial, recordo o Rogério Fernandes e o António Borges Calhó e, entre os juniores da altura, o persistente Rodolfo Iriarte e António Carvalho, o Daniel Ricardo, o João Mendes...

Éramos, passe a imodéstia, poucos mas bons. Tão poucos e tão bons que, tinha «A Capital» três ou quatro meses de vida, deixei estarrecida toda uma mesa de jornalistas brasileiros especializados em turismo, durante um jantar a que fui em representação do jornal. Perguntara-me um deles em que secção da redacção trabalhava eu. Respondi — fiel à verdade — que fazia de tudo um pouco: reportagens e noticiário político, económico e social, inquéritos de rua, polícia e tribunais. Já dera, mesmo, uma mãozinha ao desporto e, até, ao «internacional».

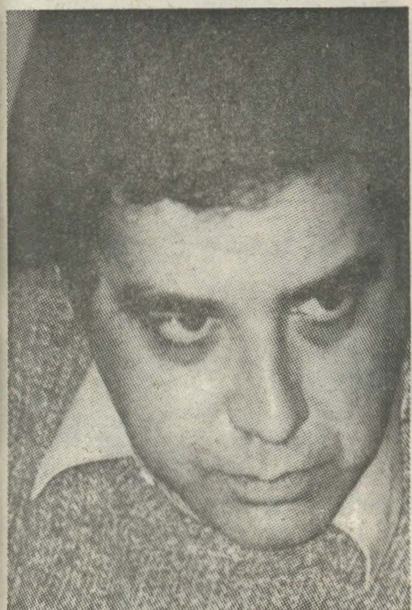
A resposta não tardou. O «craque» ao meu lado — do «Globo», se bem me recordo — começou a desbobinar o organograma da respectiva redacção. Sei que, em contagem decrescente, o homem começou pelos departamentos, passou às editorias e subeditorias, desceu às divisões e subdivisões, até acabar nas secções e subsecções. «E quantos são os jornalistas?...», interoguei, esmagado. «Para cima de 300. Só na redacção central.» Armei-me em distraído, e contei pelos dedos quantos éramos n'«A Capital». Não chegávamos aos trinta.

Mas foi uma grande escola. Escola que explodiu de júbilo numa manhã de Setembro. Mário Neves — mestre da notícia — entra de rompante na redacção e anuncia: «O Salazar está em estado muito grave. Deu entrada na Cruz Vermelha.» Fora a queda da cadeira. Lembro-me de que nesse dia, ao almoço, alguém disse: «A primeira coisa que me ocorreu foi a ideia de que a censura pode acabar.» «A mim também!», disseram várias vozes.

Mas não acabou. O chefe da redacção Maurício de Oliveira manteve os protestos telefónicos diários, ao fim da manhã, com os coronéis da censura. Apenas terá abrandado um pouco, nos primeiros tempos do consulado de Caetano, o ritmo de utilização do lápis azul. Mas novas formas de controlo da informação, mais refinadas, entravam em gestação.

O anúncio pelo novo dirigente fascista de uma lei de imprensa desenca-

QUANDO OS CAMELOS COMIAM ALPISTA



Luís de Barros, jornalista de «A Capital» de 1968 a 1973, é actualmente chefe de redacção de «O Diário»

Por LUÍS DE BARROS

deia a corrida aos jornais pelos grandes grupos monopolistas. «A Capital» é o primeiro a sentir-lhe os efeitos. Os Quinas (Banco Borges & Irmão) tornam-se senhores da maioria do capital da sociedade de jornalistas com que Mário Neves e Norberto Lopes haviam sonhado. Estes deixam o jornal. Maurício de Oliveira passa a director. Por pouco tempo...

A coíça dos monopólios pela comunicação social era imensa. Dá-se nova partilha dos jornais. N.º «A Capital», o Borges & Irmão cede a parte de leão ao grupo Queirós Pereira (muito ligado ao chefe do Governo) e à CUF, através da Tabaqueira. O jornalista Maurício de Oliveira sai do jornal. Substitui-o na direcção Manuel José Homem de Melo e, também, por pouco tempo, como seu adjunto, o jornalista Fialho de Oliveira.

Entretanto, na Assembleia Nacional, cujos trabalhos eu cobria para o jornal, é aprovada a Lei de Imprensa. A censura muda de nome. Passa a «exame prévio». Os coronéis reutilizam crescentemente o lápis azul. Um belo dia sou chamado ao gabinete de Homem de Melo, que me dá a ler um cartão de Marcelo Caetano lamentando que «A Capital» dê tanto destaque às posições da «ala liberal» da Assembleia. Percebi que, como «redactor parlamentar», tinha os dias contados. De facto, não tive de contar muitos.

«A Capital» deixa, entretanto, o Bairro Alto e passa-se para a Joaquim António de Aguiar. Há indiscutíveis melhorias no plano técnico-profissional. O Sindicato dos Jornalistas negocia o primeiro contrato colectivo de trabalho digno desse nome. Mas o pior era o mais mau.

Em Julho de 73 sou enviado a Londres cobrir a visita de Marcelo Caetano à capital britânica. Indesejado, o dirigente colonialista é recebido com a mais gigantesca manifestação de protesto que eu vira até então. Ainda, em Londres, chegam-me indicações de que as minhas crónicas estariam a ser publicadas com alterações. Regresso a Lisboa — recordo que o chefe de redacção, o Rodolfo Iriarte, estava na altura de férias — e confirmo as suspeitas. Resistindo a propostas tentadoras da administração, peço a demissão. Deixei «A Capital» num dia de Agosto de 1973. Foi um dia triste para mim. Mas, nessa noite, dormi descansado.

Enfim, tristezas não pagam dívidas, embora talvez valha a pena recordá-las em tempos de privatização. Mas hoje trata-se de anos e são já vinte. Que muitos mais dure «A Capital». De preferência, com muitas edições daquelas que «dão porrada na Baixa», como lhes chamava o velho Maurício de Oliveira, quando, uma vez por outra, conseguia ludibriar o crivo da censura

A PESAR de já terem passado quase 13 anos desde que saí de «A Capital», por vezes ainda me surpreendo a falar capitalês com a mesma fluência de outrora e, também, com a mesma inconsciência, pois nunca procuro saber se serei compreendido.

Recentemente, pedi a um candidato a jornalista para escrever um paleo de mandar vir acerca de uma acontecimento banal. «Um paleo de quê?», perguntou ele, perplexo. E eu repeti: «de mandar vir» porque, na ocasião, não me ocorreu como havia de formular, de outro modo, a instrução de serviço que tão claramente acabara de lhe transmitir. Por instantes, intrometeu-se entre nós o embaraçoso silêncio da incomunicação. Até que, dando-me conta do impasse em que caíramos, decidi fazer um esforço para me traduzir. Disse: «Descrava o que viu, desbobinando tudo quanto, a propósito, lhe vier à cabeça.» Depois, despachei-o, resmungando: «Seria bom que aprendesse capitalês!»

E fiquei, a matutar numa ideia antiga: a língua materna do meu jornal de origem devia ser objecto de estudo obrigatório, em todas as escolas portuguesas de jornalismo. É que, após ter transitado de «A Capital» para longínguas publicações, levada por jornalistas nómadas, aquela forma coloquial de expressão contagiou os léxicos próprios de tantos círculos culturais, políticos, económicos e desportivos, e os modismos retóricos de tantos «lobbies» e seitas que se tornou indispensável conhecê-la para descodificar não só a gíria das redacções, como as mensagens oriundas das mais sofisticadas fontes de informação.

Poderia apresentar múltiplos exemplos, em apoio desta teoria. Mas basta um para se aferir o peso das razões que me assistem. Ei-lo: referindo-se à eventual venda do Hospital Júlio de Matos, um conhecido psiquiatra cujo o anonimato me comprometi a respeitar, afirmou, há dias, num capitalês sem sotaque: «É uma ideia manicomial, que confirma a minha visão catastrófica do futuro do sector da saúde no nosso País. Enfim, um êxito!»

Uma actividade fervilhante

Nascido do casamento da linguagem corrente com os termos em torno dos quais se organizava o discurso de certos cultores de terminologias incomuns (como Rodolfo Iriarte, a cuja personalidade fortíssima se deve, em grande parte, a realização daquelas bodas linguísticas) o capitalês foi adoptado pelos redactores de «A Capital», no começo da época de 70. Antes, porém, já servia para esconjurar os malefícios dos bacocos, bajoujos, pacóvios, balhelhas, possidónios, pernósticos e obnóxlos que, à custa de poderosas «cunhas» e outros artificios igualmente puxavantes, conseguiam imiscuir-se na redacção, sem se submeterem às provas iniciáticas da paixão pela reportagem, do bom gosto e da capacidade de trabalho.

Nessa época, o quadro redactorial era formado por jovens fascinados pela profissão e com estaleca para descobrirem as notícias onde quer que elas se escondessem, desenvolvendo uma actividade fervilhante, diariamente, das 7 da manhã às tantas da madrugada.

Arrastavam-se os anos penosos em que a censura, crismada de Exame

Prévio, deixara de «cortar», para «proibir»: não havia greves, manifestações, comícios, e enquanto a fome, o desemprego e o analfabetismo não passavam de invenções dos neo-realistas, ninguém morria na guerra colonial, prisões políticas era coisa que não existia e a PIDE transformara-se numa Direcção-Geral como a das Contribuições e Impostos, embora recorresse a meios menos subtis do que a sua congénere, para torturar os cidadãos, a bem da Nação.

Não surpreende, assim, a importância que, à míngua de outros acontecimentos «colunáveis» a imprensa, atribuía ao nevoeiro no Tejo, à procissão da Senhora da Saúde e às «tournées» que o Chefe do Estado efectuava pelas aldeias do interior, à eleição de Miss Portugal, ao futebol, ao Festival da Canção e às marchas populares.

«A Capital» recusava-se, porém, a aceitar a situação. Apostando forte na reportagem, acorria a todos os lados onde se registassem factos de interes-



Daniel Ricardo, jornalista de «A Capital» de 1968 a 1975, actualmente é editor de «O Jornal»

Por DANIEL RICARDO

se jornalístico, e tantas «provas de granel» enviava para a censura que, uma vez, por outra, recebia de volta, sem riscos de lápis azul, histórias gritadas e choradas de misérias e desgraças, circunspectos relatos de cerimónias oficiais e crónicas da vida social, no meio das quais apareciam informações como esta: «Em Portugal não se constroem mais de 3,5 fogos por mil habitantes e por ano, 70 por cento das habitações não possuem instalação eléctrica e 86 por cento não dispõem de água canalizada.» Ou como esta: «... um operário industrial trabalha, em média 280 dias por ano e recebe um salário médio diário de 27\$00.» Ou, ainda, como esta: «Meta-de da população é analfabeta ou semianalfabeta e dois terços das crianças inscritas nas escolas primárias não chegam a concluir a 4.ª classe.»

Tratava-se da concretização de um projecto que, na óptica do então secretário de Estado da Informação, Moreira Baptista, consistia em «fazer a contestação pelo sensacionalismo» e, na de Rodolfo Iriarte, em transformar «A Capital» num jornal de grande tiragem, de concepção moderna e — o que se revelava muito mais difícil naqueles tempos tão pouco propícios à ocorrência de prodígios sobrenaturais — eminentemente informativo.

A verdade é que a proposta de Rodolfo Iriarte (vem a talhe de foice contar que ele ficava trémulo quando revia os fabulosos cenários da primeira parte do «Nibelungos», de Fritz Lang) não só mobilizou os redactores mas também gerou uma singular cumplicidade entre todos os trabalhadores de «A Capital», onde se bulia mais por amor à camisola do que para justificar o cacau que se ganhava no fim do mês.

O óbvio ululante

Histórias de empenca como a famosa saga do Leão de Rio Maior e a triste odisseia do menino Nelinho, que deixou estarecida uma geração inteira de leitores, começaram, então, a multiplicar-se nas páginas do jornal. Enviados especiais corriam as cinco

partidas do mundo, enfrentando perigos inauditos. E, aos domingos, mal a jornada futebolística terminava, saía para as ruas de Lisboa uma edição com reportagens, entrevistas, relatos e crónicas sobre os principais jogos das duas divisões mais importantes.

Em menos de um ano, a tiragem de «A Capital» subiu de 8 mil para 40 mil exemplares. Depois, continuou a crescer, para desespero de Moreira Baptista.

Que o êxito gera bom ambiente — eis o óbvio ululante. Mas cometeria um erro histórico se, embandeirando em arco, afirmasse que, na redacção, se vivia como Deus com os anjos... Não estando imune às fraquezas humanas, a chefia liderada por Rodolfo Iriarte nem sempre conseguia escapar às suas próprias contradições. E assim, por exemplo, não suportava quem ostentasse ter a mania que os camelos comem alpista mas, em contrapartida, considerava de génio as tiradas produzidas pela imaginação delirante dos detentores de um lata inaudita. Mais: se, ao chegar atrasado ao jornal, um redactor dizia: «Eu seja ceguinho se não fui atropelado por um carro de bois, na Avenida da Liberdade», os chefes achavam-lhe graça e, ainda que tivessem acordado com um humor abaixo de cão ou se encontrassem em estado comatoso, limitavam-se a mandá-lo, ternamente, capar morangos; mas se o retardatário se desculpava com um vulgar batatum, arriscava-se a ouvir coisas irremediáveis entre as quais esta que se celebrizou: «Não me conte histórias pra camelos!»

Seja como for, «A Capital» é o título de um dos mais exaltantes capítulos da biografia da maior parte dos jornalistas que por lá passaram. Quanto a mim, quero confessar, antes de me pôr na alheta, que, ao falar capitalês, me sinto frequentemente catapultado do gabinete de «O Jornal», que partilho com Cáceres Monteiro, para a gaiola de vidro que ambos ocupámos em «A Capital». Como se o capitalês possuísse virtudes abraçadabrantes...

X — 20.º ANIVERSÁRIO

TÃO AMIGOS QUE NÓS ÉRAMOS...

TALVEZ não seja verdade. Talvez não pudéssemos dizer, *todos*, «tão amigos que nós éramos...» Mas *muitos* éramos, realmente, amigos. E *todos* partilhávamos aquele sentimento único, exaltante e colectivo, que é fazer um jornal cada dia, dia a dia.

Faço parte dos que passaram por «A Capital». Foram dois anos ricos de experiência, que marcaram fortemente a minha vida profissional. A certa altura, parti. Perdoar-me-ão, por isso, os colegas que ficaram que eu recorde hoje, nesta excelente oportunidade de aniversário, a memória daqueles que tomaram por outros caminhos da vida — ou da morte.

Começo, por dever de apreço e gratidão, lembrando esse grande senhor, inteligente, amável e irónico que foi Maurício de Oliveira, um dos fundadores de «A Capital» e, mais tarde, seu director;

lembro, depois, Manuel Beça Múrias, chefe de redacção exemplar, criativo e dinâmico, cultivando as relações humanas com delicadeza e alegria; e, por fim, Fernando Peres, homem do século passado nascido por engano neste tempo (como ele próprio gostava de dizer), poeta e boémio, apaixonado por uma Lisboa que já só existia na sua saudade.

Estes três jornalistas partiram definitivamente. Mas outros, como eu, estiveram em «A Capital» entre 71 e 73, ou desde muito antes, ou até muito depois, e seguiram outros caminhos ou outras profissões. Deram-me, uns, o grande apoio da sua amizade; deram-me, outros, a simpatia de uma agradável convivência. De todos me lembro, hoje: Maria Teresa Horta, Rogério Fernandes, Afonso Serra, Alice Nicolau, Luís Rosa Duar-

te, Carlos Pina Cabral, Pedro Alvim; o conselho de redacção de que fiz parte com Alfredo Barroso, Luis Almeida Martins, Cesário Borga, Mário Cardoso; Manuel José Homem de Melo, o director; e Luís Fontoura, presidente do conselho de administração, que, todas as manhãs, fechada a edição (uma vez jornalista, sempre jornalista) vinha conversar connosco, saber de nós.



Helena Marques, jornalista de «A Capital» de 1971 a 1973, é actualmente directora adjunta do «Diário de Notícias».

Por HELENA MARQUES

Perdoar-me-ão os colegas que hoje fazem «A Capital», muitos dos quais vêm desses meus dias e de muito mais longe, da aventura do primeiro número, este longo «in memoriam», mas creio que não estarei sozinha neste breve,

saudoso desfilhar de nomes e rostos.

Parabéns a todos! E na pessoa do Rodolfo Iriarte — muito justamente olhado como a figura emblemática de «A Capital» — deixo os melhores votos para os próximos 20 anos.

UMA BOA ESCOLA

O aparecimento de «A Capital» em 21 de Fevereiro de 1968 subsistirá sempre na minha memória porque está indissociavelmente ligado à minha primeira participação conciente num acto público de oposição à ditadura salazarista.

Era ainda estudante do liceu mas sabia que para essa tarde estava planeada uma manifestação contra a guerra do Vietname, frente à embaixada americana, e tinha decidido participar nela.

Claro que da guerra do Vietname à guerra colonial e aos anseios de liberdade foi um ápice e os manifestantes, depois de alguns gritos enalorados e dumas correrias alvoroçadas entre a Duque de Loulé e a Alirante Reis, foram brutalmente reprimidos pela polícia de choque que nesse dia «estreada» os seus famosos cães.

Curiosamente quase todos os manifestantes traziam debaixo do braço um jornal que saíra nesse mesmo dia pela primeira vez e em que a oposição depositava algumas esperanças: «A Capital».

Esperanças essas que apesar do condicionamento da época, não seriam goradas. Com efeito, durante os tem-

pos cinzentos da ditadura. «A Capital» manteve-se sempre como um jornal vivo e participante, onde pontificava uma série de jovens jornalistas, que aproveitava todas as entrelinhas para informar, com a verdade e a objectividade possíveis, os leitores. Assim, e para conseguirem iludir o lápis azul da censura, faziam verdadeiros prodígios de imaginação. Tudo servia, desde as críticas de cinema às reportagens desportivas, para criticar o regime e dar conta do estado do país real. Era a luta quotidiana pela liberdade de expressão.

Depois do 25 de Abril, e mesmo durante o tempo do «gonçalvismo» — em que novas censuras tentaram impôr-se — «A Capital» continuou a ser um espaço plural, aberto a todos os quadrantes de opinião, onde se faz um jornalismo objectivo, livre e independente do poder político.

Foi esse o jornalismo que pratiquei durante a minha passagem pela «A Capital», para onde entrei em 1982, pela mão do então Director Francisco de Sousa Tavares, editorialista brilhante e de rara coragem cívica, que muito marcou um período decisivo da vida do jornal.

Lembro-me do primeiro dia em que, receosa, subi as escadas da velha casa da Travessa do Poço da Cidade. É que me tinham advertido de que o Chefe de Redacção era despótico e o ambiente terrível. Nem um nem outro corresponderam às expectativas... Rodolfo Iriarte era um chefe exigente, de excepcional competência, às vezes colérico, mas sempre aberto a todas as sugestões, e, que depressa se tornou no amigo solidário dos bons e dos maus momentos. O ambiente era de camaradagem, por vezes tempestuosa, mas muito estimulante.

Na secção Internacional — onde sempre permaneci — fazia-se de tudo um pouco, do comentário político à no-



Isabel Soares, jornalista de «A Capital» de 1982 a 1986, é actualmente directora do Colégio Moderno

Por ISABEL SOARES

tícia de «fait divers», passando pelos horóscopos. Foi sem dúvida uma boa escola.

Guardo desse largo período em que trabalhei na redacção de «A Capital», as melhores recordações e alguns bons amigos, de entre os quais

não quero deixar dedestacar o Miguel Calado Lopes, com quem trabalhei directamente, e sobretudo o António Carvalho, companheiro fraterno de «bicas» e conversas, com quem deambulava pelas ruas e alfarrabistas do Bairro Alto. São tempos que não esqueço.

NAVALHO

• ABERTO AOS SÁBADOS
ATE ÀS 13 HORAS

QUALIDADE, REQUINTE
E BOM GOSTO
NA DECORAÇÃO DO SEU LAR

VISITE AS NOSSAS EXPOSIÇÕES EM:

• LISBOA
Rua Pascoal de Melo, 109
Telef.: 52 88 19

• PÓVOA DE ST. ADRIÃO
R. D. Afonso Henriques, Lote 80
Telef.: 587 48 05

MATERIAIS
PARA CONSTRUÇÃO E DECORAÇÃO





João Ribeiro, repórter-fotográfico de «A Capital» de 1971 a 1977, é actualmente repórter-fotográfico do «Jornal de Notícias» e do semanário «O Jornal»

A COMOÇÃO DO PRESIDENTE

PERANTE uma tragédia, Mário Soares, já Presidente da República, tem a reacção de qualquer de nós — tapa a cara para não ver, exprimindo assim a sincera comoção que dele se apoderara ao ver o resultado do acidente ferroviário de Santa Iria de Azóia. João Ribeiro, um dos mais antigos e experimentados repórteres-fotográficos portugueses, «instructor» de muitos dos seus colegas e «patrono» de numerosos redactores nos seus primeiros trabalhos, apontou a objectiva no momento exacto.

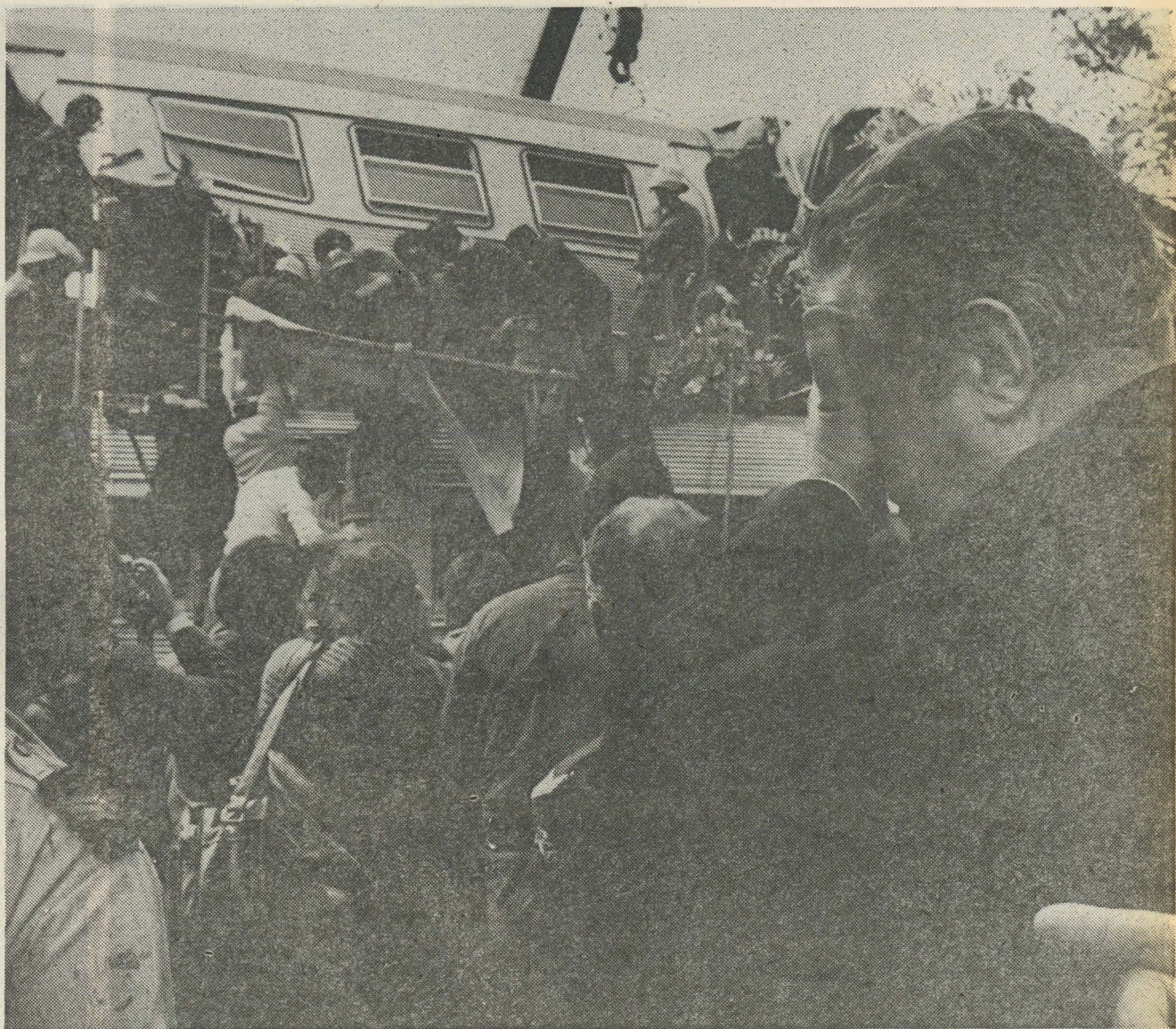


Foto de JOÃO RIBEIRO



Inácio Ludgero, repórter-fotográfico de «A Capital» de 1972 a 1975, é actualmente repórter-fotográfico de «O Jornal»

«PÁ» DE PREC

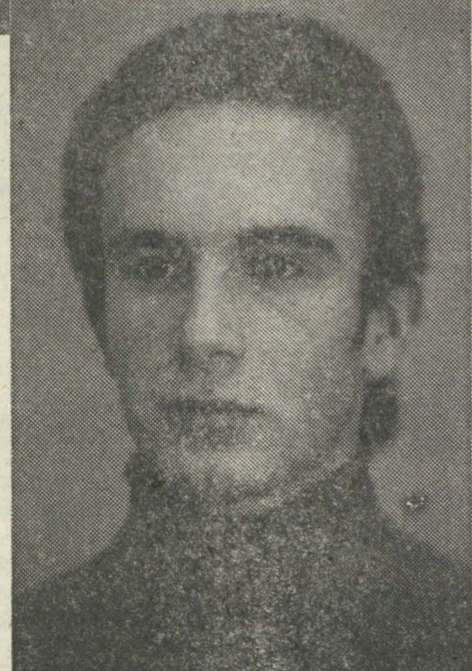
NÃO é propriamente uma pá que empunha esta padeira de Aljubarrota improvisada, nem é castelhano tresmalhado o homem do guarda-chuva. Esta foto foi obtida por Inácio Ludgero nos tempos conturbados de 1975, quando decorria o chamado «Prec», ou seja, «processo revolucionário em curso», e refere-se ao ataque formal de que foi alvo um pacato cidadão que pretendia participar num comício do então PPD.



Foto de INÁCIO LUDGERO



A CAMINHO DO ALTO



Fernando Ricardo, repórter-fotográfico de «A Capital» de 1970 a 1984, é actualmente fotoeditor da Associated Press para Portugal

Por FERNANDO RICARDO

ERAM as eleições presidenciais de 86 e o candidato Mário Soares arrancava com fracas vaticínios, baseados em sondagens. Mas ele era mesmo um «corredor de fundo». Visando alto a magistratura suprema do País, o político por excelência que é Soares soube dosear o seu esforço na campanha, soube ultrapassar com o seu inegável «charme» e sentido popular as armas mais sofisticadas do seu adversário principal. E ei-lo em Belém, com ainda maior apoio do que há dois anos. Fernando Ricardo, que acompanhou a sua campanha, apanhou-o aqui, na Figueira da Foz, libertando simbolicamente uma pomba a caminho do alto.



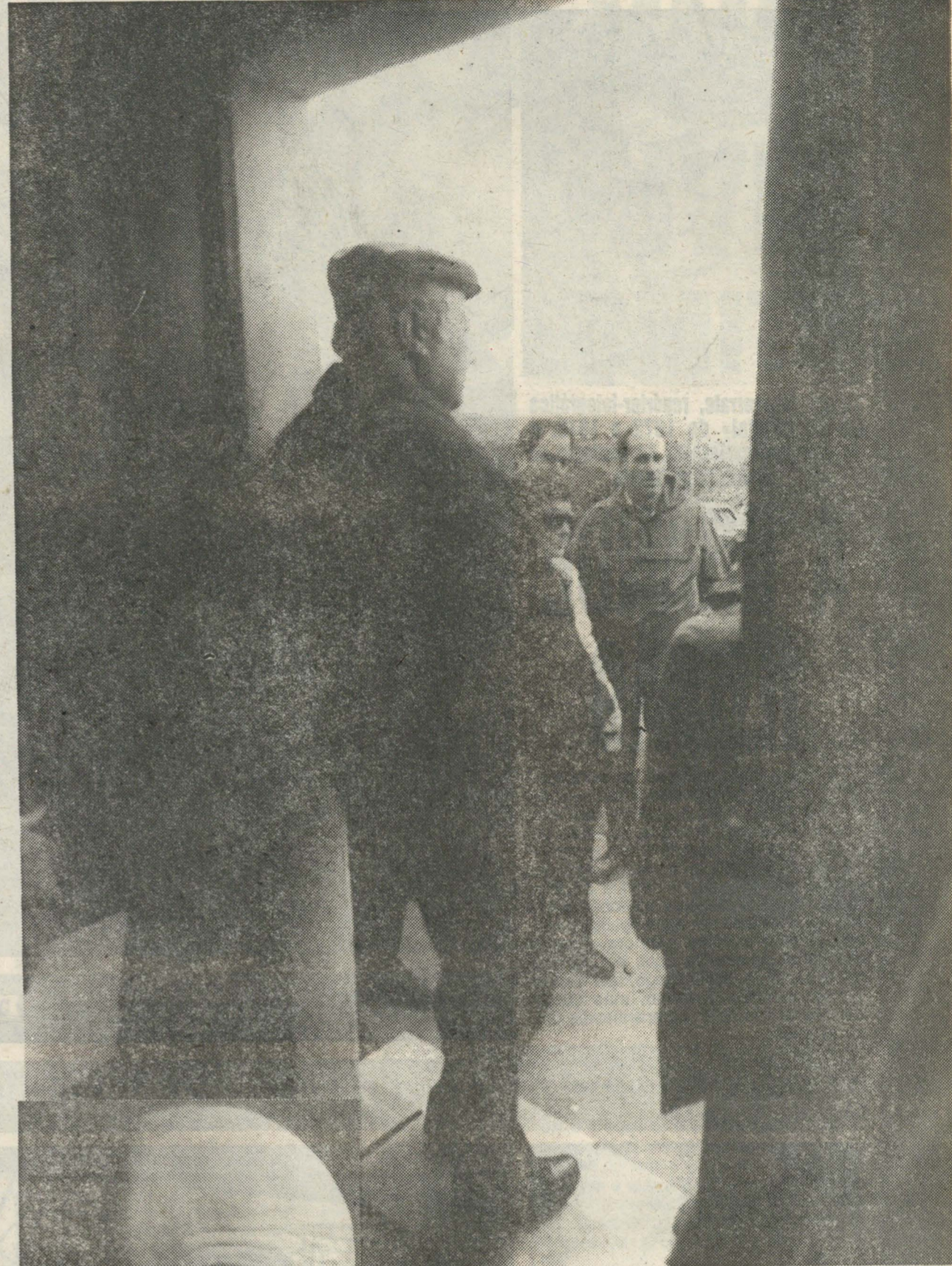
A ALEGRIA DO GOLO



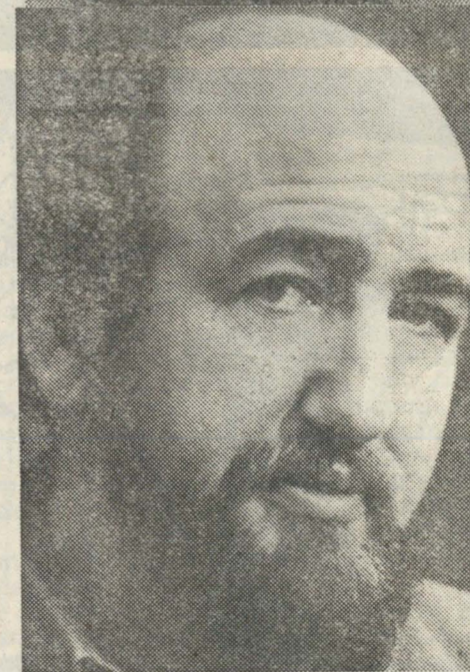
Lobo Pimentel Júnior, repórter-fotográfico de «A Capital» de 1970 a 1972, é actualmente repórter-fotográfico do «Diário de Notícias»

Por LOBO PIMENTEL JÚNIOR

HUMBERTO COELHO, na altura capitão da equipa do Benfica, entranza com exuberância a alegria do golo marcado há segundos. É o espectáculo dentro do espectáculo, é o arrebatamento de glória, captados pela objectiva de Lobo Pimentel Jr. no momento exacto em que acontecem.



AO RITMO DO ALENTEJO



Joaquim Lobo, repórter-fotográfico de «A Capital» de 1970 a 1975, é actualmente repórter-fotográfico dos semanários «O Jornal», «Sete» e «Jornal de Letras»

Por JOAQUIM LOBO

NUMA das transferências da Presidência para fora de Lisboa, Mário Soares escolheu o Alentejo. Com a facilidade de adaptação que até adversários lhe reconhecem, o Chefe do Estado, nato e criado na cidade, logo se adaptou ao ritmo da vida e ao sentir das gentes da grande planície. Joaquim Lobo conseguiu captar, com extrema felicidade, uma imagem que sugere exactamente isso.



WERLISA

A MÁQUINA FOTOGRÁFICA 35 mm QUE VOCÊ PODE COMPRAR

À VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE
Representante exclusivo: Rua de Santa Justa, 25 — LISBOA



WERLISA

SIMPLICIDADE DE MANEJO = BOAS FOTOGRAFIAS



profoto LDA.

A ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DO FOTÓGRAFO

RUA DE SANTA JUSTA, 25 — APARTADO 3799 — 1119 LISBOA — DEK

TELEFONES 87 24 81 / 82 / 83



Costa Azul

Região de Turismo de Setúbal

• TERRA DE FRUTOS E DE MAR

INFORMAÇÕES: R. do Corpo Santo Tels. 24 284-29 507 Apartado n.º 73 Setúbal Codex Telex 12019 TURSET



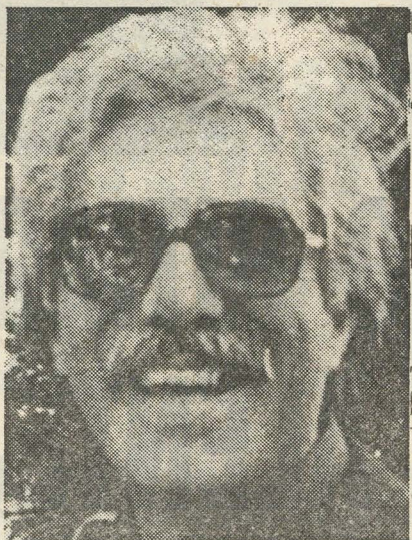
Teresa Monserrate, repórter-fotográfica de «A Capital» de 1972 a 1975, é actualmente professora de Geologia no ensino preparatório

A GRANDE ILUSÃO

PARA alguns milhares de portugueses, ela foi a grande ilusão — a de poderem viver e encarar com menos angústia uma crise que, na altura, se traduzia por uma inflação quase galopante. Mas D. Branca, a «banqueira do povo», não aguentou — contra as suspeitas — o seu negócio artesanal de dinheiro. E foi tudo por água abaixo, juntamente com a velha senhora. Teresa Monserrat apanhou-a aqui, em Janeiro de 1984, já no último fôlego, que o meio sorriso tentava disfarçar, mas que o semblante dos dois acompanhantes deixa entender.



Foto de TERESA MONSERRATE



Carlos Gil, repórter-fotográfico de «A Capital» de 1968 a 1969, actualmente Jornalista «free-lancer»

MÃO DE MESTRE

EM Janeiro de 1971, Carlos Gil fotografou mestre Almada Negreiros, identificado de costas pela sua inseparável boina, dando indicações para a montagem do seu painel no átrio do edifício Gulbenkian. Eis uma foto hoje histórica que «A Capital» então publicou, dando-lhe o devido destaque.

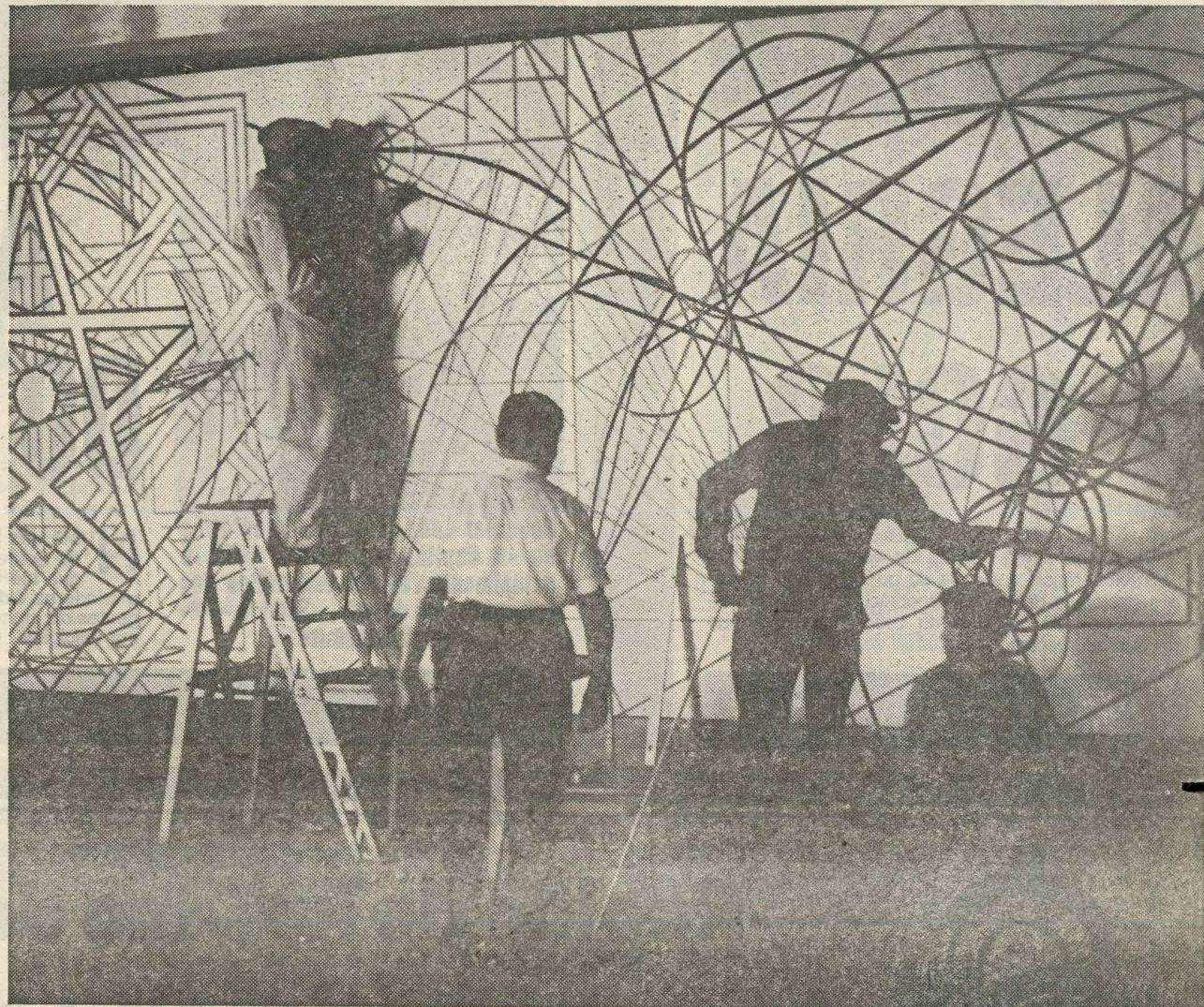


Foto de CARLOS GIL

NUNCA RECUSAVAM UMA IDEIA

O que mais apreciei na minha passagem de meia-dúzia de anos pelo jornal «A Capital» foi com certeza a maneira como se estimulava a iniciativa dos jornalistas.

Ainda era estagiário e encontrava-me apenas há dois meses na redacção quando sugeri a criação de uma coluna, «Bolsa de Artes Plásticas», sendo a ideia imediatamente aceite.

No caso de inúmeras entrevistas, desde Umberto Eco às «velhas glórias portuguesas», encontrei a mesma receptividade que permitiu igualmente que eu escrevesse artigos sobre escritores (Kafka, Joyce, Proust...) e mitos de Hollywood, assinasse contos para o fim-de-semana sob o pseudónimo de José Saldanha, fizesse balanços anuais de pintura, abrisse caminho à cobertura de acontecimentos da moda e colaborasse assiduamente em suplementos de Verão.

Nunca vi recusada nenhuma ideia a essa participação activa do redactor parece-me o que existe de mais importante no jornalismo. Ela torna o jornal numa pequena parte de si mesmo e incita à realização pessoal.

O drama de alguns jornais é a apatia ou a passividade dos seus jornalistas, a sua falta de criatividade e a sua frustração, determinada por sistemas rígidos que anulam completamente a sua iniciativa.

Quando entrei para «A Capital», por volta de 1980, fazia investigação literária e escrevia poesia. Foi aí que me apaixonei pelo jornalismo, o que nunca esperei que acontecesse!

Em «A Capital», fiz suplementos de economia, mantive durante mais de dois anos a coluna gastronómica, «D. Pipas», coordenei três edições de um concurso de fotografia, escrevi sobre informática e vídeo, e seria muito difícil enumerar todos os assuntos que tratei.

Esta versatilidade levou algumas pessoas a chamarem-me ironicamente um «homem enciclopédico»... Seja como for, tentei sempre desincumbir-me dessas tarefas tão diversas da maneira mais honesta possível.

Preparava-me longamente para as entrevistas, lia muito sobre as matérias que ia tratar e documentava-me na biblioteca e arquivo do «Diário de Notícias» onde passei muitos dias da minha vida.

Estudar é essencial ao jornalista.

No entanto, devo dizer que gostaria de ser um jornalista especializado num assunto apenas. O que para mim se tornou quase impossível. Ganhava tanto gosto à dispersão e à versatilidade que todos os dias, irresistivelmente, quero penetrar em novos mundos, seja o «design» das cadeiras, ou o modo como se fazem telhas ou o movimento da Bolsa de Lisboa...

Alguns trabalhos feitos em «A Capital» permanecem na minha memória. Lembro-me de ter entrado à sorrelha num hospital para obter a fotografia e as declarações de uma mulher que fora atingida por um tiro — o que consegui. Não esqueço também uma reportagem sobre um prédio que estava a ser evacuado, com grande aparato municipal e até guindastes. Ainda hoje vejo os rostos cheios de amargura dessas muitas dezenas de pessoas que perdiam a sua casa.

De facto, foram esses trabalhos de repórter que mais me



Sousa Neves, jornalista de «A Capital» de 1980 a 1985, é actualmente jornalista do semanário «O Diabo»

Por SOUSA NEVES

agradam e sempre que eles tinham como cenário o dia-a-dia dos mais desfavorecidos. Fazer jornalismo é estar com os outros e ajudá-los.

A minha facilidade para as entrevistas marcou-me desde os primeiros tempos de «A Capital». O seu número rondou as mil se é que não as ultrapassou... A mais divertida foi com a tão falada D. Branca dos Santos, numa pequena sala onde os seus clientes ainda a defendiam calorosamente e me ameaçavam de me dar uma tarefa por acharem que os jornalistas estavam a alertar injustamente a polícia...

Embora o género maior do jornalismo seja a reportagem, a entrevista — para ser boa — tem o que se lhe diga. Regra geral, os entrevistados só começam a fazer declarações com interesse depois de meia hora de conversa, e para isso é necessário captarmos a sua confiança e alguma simpatia. E também o respeito que provém de as pessoas considerarem que estamos bem preparados para a entrevista.

Uma experiência interessante, durante a minha permanência em «A Capital», foi a entrevista que fiz conjuntamente com o António Sala à Amália Rodrigues, nas vésperas do seu primeiro concerto no Coliseu, patrocinado por esse jornal e pela Rádio Renascença.

A entrevista era gravada para a rádio mas eu devia publicar uma outra, no dia seguinte. Embora nunca tenha usado gravador, levei um... Quando voltei à redacção, dei-me conta de que não fizera gravação nenhuma e tive de reconstituir toda a entrevista de memória, sem uma única falha.

Esses e outros precalços nunca me assustaram. Nunca falhei um serviço na minha vida profissional, não por talentos especiais, mas sempre porque me esforcei por acertar...

Acho que chegou a altura de falar da pessoa a quem eu devo ser o jornalista que sou: o Rodolfo Iriarte. Ao chegar a «A Capital» disseram-me que era uma pessoa difícil. Durante anos, nunca dei por isso. Estimulou-me sempre e nunca lhe ouvi uma palavra mal-humorada. Ajudou-me muitíssimo, sabendo-me aproveitar e valorizando-me. Deu-me também confiança em mim próprio. E era isto o que eu mais necessitava.

Sai de «A Capital» no fim de 1985 e resolvi descansar um tempo. Não foi possível. Não posso passar sem fazer jornalismo. E os convites chegavam todos os dias. Aceitei o da Vera Lagoa para vir trabalhar em «O Diabo» onde estou há dois anos.

Aqui, encontrei a mesma receptividade às minhas sugestões e um clima de trabalho propício. Tenho a meu cargo cinco colunas semanais, no suplemento e, além disso, faço frequentemente «as centrais» do «Diabíssimo», além de diversos outros artigos.

Criei uma coluna denominada «Ecos e Figuras da História» que me ocupa aos sábados e domingos.

Todos os dias, sinto renascer em mim a vontade de fazer jornalismo: mais e melhor. Não terminaria bem sem falar da Vera Lagoa que me acolheu maravilhosamente neste jornal e que me tem estimulado muitíssimo.

A ÚNICA DÚVIDA PERMITIDA



Sérgio Coimbra, jornalista de «A Capital» de 1985 a 1988, é actualmente jornalista «free-lancer»

Por SÉRGIO COIMBRA

UM jornal é aquela coisa que o pai faz chegar a casa já um pouco amarrado da leitura no autocarro. Um conjunto de folhas impressas que lemos com mais ou menos interesse e que acaba sempre por forrar o caixote do lixo, ou a embrulhar os objectos de vidro que a mãe guarda no armário. Às vezes dá também para os irmãos mais novos fazerem aviões ou barquinhos.

Um jornal serve também para dar notícias. As pessoas saem do emprego, passam pelo quiosque, atiram uma moeda para cima da banca como vêem fazer nos filmes americanos, pegam no título que lhes parece mais sugestivo, que metem debaixo do braço. Só assim podem, no dia seguinte, discutir «as últimas» com os colegas.

Um jornal dá ainda para ser «bode expiatório». O custo de vida aumenta? «Isso é o que dizem os jornais.» Sabes que os Pink Floyd tocam em Portugal no próximo mês? «Onde é que leste isso? Por mim, não há como esperar para ver.» Penso que a peça de teatro que está no D. Maria II é abaixo de cão... «Não acredito. Isso é o que diz o crítico. Sabes como eles são...»

Um jornal pode também ser um sítio divertido. Então não é divertidíssimo esperar duas horas para que um vereador qualquer confirme ou desmintas uma notícia? E o prazer que se tira quando aguardamos uma semana pela reportagem da nossa vida e no fim o interlocutor resolve que já não quer falar?

Um jornal é igualmente o sítio onde trabalham os chefes mais simpáticos que podemos imaginar. Quando

menos estamos à espera, concentradíssimos em frente a uma folha branca e ao «azert», lá vem o berro: «Quando é que essa m... fica pronta?» Mas ... «Não venhas com essa — já devias ter escrito isso ontem». Pois, pois, nos jornais hoje é sempre ontem.

Um jornalista é aquele que atura tudo isto. Mas não se queixa. Se lhe tirassem a visão da folha a enrolar a bela posta de chicharro, ou os comentários depreciativos que ouve por acaso no metropolitano, ou os desmentidos do género «não foi bem isso que quis dizer», ou os gritos lançados a partir das secretárias da chefia, sobrava-lhe um vazio impreenchível.

Porquê? A resposta é difícil. Não consta que alguém tenha enveredado pela profissão para enriquecer, tão-pouco para colmatar a frustração de não ter sido professor («ler jornal é saber mais»), muito menos pela excitação que proporciona. Por outro lado, também não consta que alguém tenha abandonado a máquina de escrever para ser outra coisa qualquer.

Há, de facto, qualquer coisa inexplicável nisto tudo. E «A Capital» foi quem abriu as portas para esta dúvida; a única, porém, permitida no jornal.

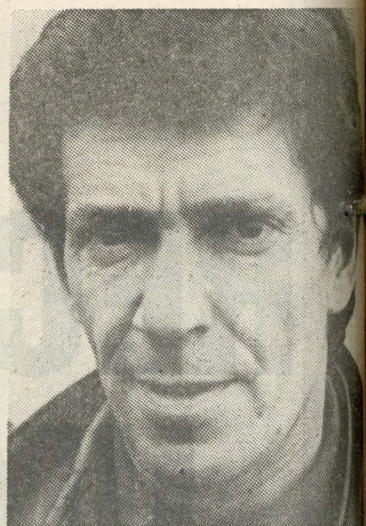
XVI — 20.º ANIVERSÁRIO

SÃO seis da manhã de uma noite de fecho, começada muito antes, cansativa e longa como todas as que se vivem com a certeza de que a máquina, essa não pode esperar. Seguramente, não é está a hora mais indicada para voltar atrás e recodar. Noitadas e memória fresca não se dão bem. Mas o que tem que ser tem muita força — o Mário que o diga — além do que 20 anos não se fazem todos os dias...

E é curioso: agora que penso no assunto e falo de um vespertino, eu sei, sinto que o cansaço das noites longas sempre esteve muito presente ao longo dos anos que vivi com «A Capital». E não foram poucos. Nos primeiros não éramos muitos e, por isso mesmo, passados os protestos com que sempre se reage no imediato, nunca fui capaz de levar a mal o facto de o chefe ousar marcar três serviços de rajada, em sítios tão diferentes como Lisboa (uma daquelas maratonas que serviam para eleger o Rei da Rádio). Setúbal (para escolher entre muitas uma F.ainha do Sado) e Santarém (onde Tomás inaugurava mais uma feira agrícola). Dava-se conta do recado, não havia nada a fazer. Era um pouco como quando a falta de secretárias nos obrigava a escrever de pé, no parapeito das janelas, e as reclamações se revelavam infrutíferas junto do Machado, gordo na administração, no andar de baixo...

Mas mesmo depois, quando entraram muitos mais e o desafogo era outro, o cansaço das noites longas vividas para ou na redacção continuou a marcar-nos o dia-a-dia. Não pretendo que me recorde de todas, precisamen-

O CANSAÇO DAS NOITES LONGAS



Fernando Gaspar, jornalista de «A Capital» de 1971 a 1977, é actualmente jornalista do «Expresso»

Por **FERNANDO GASPAR**

te, nem com quem as atravessei, uma a uma. Nem importa. Hoje, que penso nisso, lembro-me de que em todas elas sempre tive companhia e julgo que residia nisso, em boa medida, talvez, uma das chaves para a capacidade de resposta que «A Capital» criou e desenvolveu nesses anos de mudança e desafio. Independentemente de quantos éramos os que a faziam, dominava o entusiasmo e o empenho dos que lhe davam vida. Uma transferência de energia, ao fim e ao cabo, nos dois sentidos, já que senti-la depois no papel, ao meio do dia, nos alimentava de volta, em igual medida.

Passa-se o mesmo em todos os jornais? Não sei. É o que se verifica ainda hoje? Talvez. Afinal, não são agora já mais de seis e meia? É ver-

dade. Mesmo assim, creio que havia algo de diferente no cansaço das noites longas de «A Capital». Tinha que haver. Num ano chegavam-se a acumular, por simples «necessidade de serviço», 50, 100 ou mais folgas atrasadas, sábados e domingos sem descanso, férias interrompidas (quando começadas), o que fosse preciso. Horas extraordinárias? Não, não era isso. Repórteres não usam horário e se prolongavam o dia pelas noites dentro era, afinal, porque tinham muitas histórias para contar. E quantas mais, melhor, naturalmente.

Foram anos de algum marasmo, da nossa volta, e se a energia traduzida em irreverência, tantas vezes, não chegou para desviar ninguém do seu caminho, não penso, mesmo assim, que o cansaço de que hoje me lembro não tenha valido a pena.

Nunca foi um investimento, era uma entrega. E se outros frutos não teve, pelo menos ajudou a amadurecer este que hoje se saboreia. Vinte anos envelhece-se e é-se novo. Ou não fosse o nascer e morrer todos os dias o modo próprio de um jornal se afirmar

«**T**RINTA contos. É o mínimo que posso fazer». Pensei que não tinha ouvido bem. E quando percebi que afinal tinha ouvido perfeitamente, fiquei com montes de vontade de atirar o bife e as batatas fritas e a frigideira à cara do fotógrafo de casamentos e baptizados. Eram tantas da manhã, e estava na província.

Sai-se à pressa, sem sequer ter tempo de telefonar à família ou fazer provisão de tabaco, bolachas e papel. Tal-qual como vem impresso nos manuais da profissão e como se pode ver nos filmes de Billy Wilder. E parte-se já tarde, quero dizer, ao fim da tarde para encontrar um corpo, que deu à costa pela manhã, e, mui principalmente, para o fotografar — porque uma fotografia vale mais do que mil palavras. Tal-qual os manuais e os filmes do outro. Os heróis românticos partem à descoberta da verdade com um rabujento Sancho Pança, montados num 4L sem rádio, na direcção do país real, onde um bancário-fotógrafo amador caçador ocasional se tinha dedicado a uma matança farta e vagamente psicológica. Uma matança como deve de ser, que exige dias de investigação, meios mais largos, concorrência farta, pistas baralhadas, especulações fantasiosas, polícias que só falam em «off» e querem fazer verdade a sua opinião «de anos a ver estas coisas», miudezas que vão engalanando as manchetes.

Horas passadas, a coisa não tinha corrido mal. O honesto Sancho Pança, é verdade, protestava o que podia pela ceia — que jantar era sonho passado — não havia corpo, mas havia testemunha (que não dizia o nome mas não se importava de ser identificado como «agente da Guarda Fiscal»), suficientemente animada aliás, para contar, com pormenores e expressividade esclarecedora, da posição do corpo e do estado das roupas, os danos provo-

PROVÍNCIA TANTAS DA MANHÃ



Rui Monteiro, jornalista de «A Capital» de 1984 a 1987, é actualmente jornalista do semanário «Independente»

Por **RUI MONTEIRO**

cados por uma data de dias no mar, as violências anteriores, ou o local aproximado da perfuração das balas — aqui mais importante do que é costume num romance de Chandler. A coisa estava feita, mas não havia fotografia. E se não houvesse fotografia impressa menos de meio dia depois, não só eram precisas as tais mil eloquentes palavras como não se teria cumprido o manual, nem a lenda, para nem aludir às voltas que Wilder daria na tumba. Era, portanto, preciso morder no cão. Ou arrastar a vergonha até à reforma — que é quando está tudo perdoado e se ganha uma assinatura perpétua e gratuita das publicações por onde se passou.

Arrastando a culpa pela província até à cidade mais próxima, gritou-se «eureka» logo à entrada e, durante meia-hora, pensou-se estar tudo resolvido, o Pulitzer no papo e a ceia à espera — que o honesto Sancho Pan-

ça descobrira entretanto um restaurante «quase, quase a fechar». Mas não. Desilusão e afins; ao menos o bife — salvem-se os dedos — esperou.

«Trinta contos ou então nada feito.» Ouvi-o repetir, ao mesmo tempo que o meu fotógrafo — os redactores sempre foram muito chauvinistas — Carlos Alberto, encetava negociações que não pareciam fáceis.

(Já tinha ouvido muitas histórias. A da sogra do assassinado que compõe o cabelo antes de ser fotografada junto ao sangue, a vizinha que telefona a denunciar um crime por vingança dos vidros partidos pelas crianças do lado, até a do director, ou chefe de redacção, que todos os dias primeiro de Janeiro mandava um repórter para o Alto de Santa Catarina não se desse a

eventualidade de ser o fim do mundo — como há muito anunciava uma lenda — e mesmo a do repórter que ia. Só me faltava estar na província, às tantas da manhã, a ouvir um pindálico qualquer reivindicar 30 — contos — 30 por uma fotografia desfocada e por cima a cores.)

Mas no fim: o bife comeu-se; algumas imperiais foram pagas ao fotógrafo de casamentos e baptizados reivindicativo surgido do nada para a frente dos pratos; e a negociação correu muito melhor do que as do Conselho de Concertação Social. E ele ainda nos deu uma palmada nas costas, em troca do nome no jornal.

(Não ganhámos o Pulitzer, nem há moral nenhuma — por isso comemos todos.)

RELAÇÃO EXCLUSIVA TERMINA EM SEPARAÇÃO SEM DIVÓRCIO

O meu amor primeiro no jornalismo foi (é) «A Capital». E o meu amor único, o amor que respirei por todos os poros, 14 anos seguidos, numa relação exclusiva, fiel, intensa e envolvente. Terminou com uma separação de facto — uma relação daquelas em que preferimos não ver o outro (a outra) porque o divórcio é impossível e a reconciliação, ainda que desejável, pode ser prejudicial.

Nasci para os jornais em «A Capital». Em 1971 entrei na então Sociedade Gráfica de «A Capital». Conheci a revisão e todo o sector da «ferrugem», a tipografia do velho mármore, de cheiro a chumbo quente — naquele tempo a do velho jornal «O Século», onde «A Capital» era feita.

Depois, acompanhei o jornal, já renovado, mais sadio de dinheiros e dono de tipografia própria, na sua mudança do Bairro Alto para a Rua Joaquim António de Aguiar.

A dinâmica de empresa privada que o caracterizava fez dele a melhor escola de jornalismo. Trabalhar em «A Capital», nessa época, era das maiores aspirações. O jornal tinha as melhores condições, os melhores meios, os melhores profissionais. Fazer jornalismo n'«A Capital» significava, então, contar com a liberdade de criar (leia-se liberdade de enganar a censura), com a liberdade de produzir, com a certeza de

que haveria recompensa (remuneração e publicação).

A estatização trouxe, depois, a mudança. Perdendo a autonomia, o jornal passou a depender da «gigante» EPNC, dos burocratas do Estado, dos gestores nomeados por conveniência política, dos ministros tutelares e, mais particularmente, dos acaules — essa figura financeira muito particular que, ao longo dos anos, tem vindo a ser habilmente utilizada pelos governos democráticos de todas as tendências para amoldar a liberdade de criação dos jornalistas e amoldar as vozes de discordância e incómodas.

Reduzida de meios, «A Capital» atravessou um longo período difícil, de 6 anos, durante os quais pairou, por diversas vezes, sobre os jornalistas o espectro da falta de ordenado ao fim do mês. As despesas foram reduzidas ao mínimo. Fez-se um esforço titânico para impedir que o jornal fechasse, sob acusação de prejuízo. Felizmente, vê-se que valeu a pena.

As sequelas da estatização aguentei-as, penso que tempo demasiado. Na minha relação exclusiva e envolvente com «A Capital» mantive-me na luta pela sua sobrevivência até 1984. Cansei-me, saturei-me, não de «A Capital» mas do projecto espartilhado em que o poder a obrigava a viver.

Olhei, então, à minha volta e dei-

-me conta de que o espartilho existia por todo o lado e que raros eram os projectos de liberdade nos órgãos de comunicação social — de liberdade de sentido pleno, evidentemente: a formação profissional dava apenas os primeiros passos; os contratos colectivos de trabalho basistas impunham a todos os jornalistas, com escassa variação de três níveis, remunerações de miséria, por comparação interna e externa; as «agendas» de cada redacção mandavam nos jornalistas, impondo-lhes sobre o que deviam escrever, para lhes retirar tempo para o resto...

No desencanto da minha visão sobre o jornalismo estatizado tive de dizer para comigo que «assim, não!». Virei a página, e fui dedicar-



Neves Douzel, chefe de revisão de «A Capital» de 1971 a 1976, e jornalista até 1985. É actualmente advogado e gestor de empresa

Por NEVES DOUZEL

-me a outras actividades onde tenho tido a possibilidade de actuar sem ministros tutelares a dizer-me ao fim do mês se vou ou não ter ordenado para pagar a renda de casa e o leite dos filhos. Passei a actuar por conta própria, como outrora já fora possível no jornalismo.

A mudança não foi fácil: estive largos meses sem ler jornais e ainda agora, de vez em quando, tenho de fazer o mesmo, para resistir ao «bichinho». Encontro-me por isso em

situação de separação de facto: não quero o divórcio e para a reconciliação espero por melhores tempos para o jornalismo, em Portugal.

Nesta oportunidade que o meu jornal me dá de escrever neste número de aniversário uma «prosa» pessoal, não «jornalística», dou um abraço sincero de parabéns e encorajamento aos verdadeiros jornalistas que têm trabalhado para que esses melhores tempos comecem, já hoje, a despontar.

TEMPO DE INQUIETAÇÃO E PROCURA

EM 22 anos que já levo nestas vidas do jornalismo há 17 meses que nunca esquecerei: aqueles em que trabalhei em «A Capital».

É um tempo bem balizado na minha vida de cidadão e jornalista, porque esses 17 meses de 1 de Julho de 1974 a 27 de Novembro de 1975 foram também um tempo histórico neste País.

Dois meses após o 25 de Abril Portugal estava em ebulição. Tratava-se de deitar abaixo a velha ordem fascista. Entrei para «A Capital» e senti-me bem: a velha direcção, que eu conhecia do cabeçalho, já não a conheci pessoalmente. Tinha sido corrida. O Rodolfo Iriarte assegurava interinamente essas funções. Respirava-se a alegria de podermos escrever sem pensar no lápis azul dos coronéis da censura.

Era de certa forma a reaprendizagem da profissão, tal como a esmagadora maioria dos portugueses aprendia a viver em liberdade.

Dar voz a esses anseios de mudança e mais justiça social e aos seus ecos nas ruas, nas fábricas, nos campos, nas escolas, nas empresas, nos quartéis, foi tarefa vivificante do ofício diário de jornalista, que começava na agenda e acabava, muitas vezes, já de madrugada, a escrever na redacção a notícia do acontecimento ainda quente. Horas depois, logo pela manhã, a tipografia esperava por essa e outras notícias...

No Verão de 74 comeci a acompanhar com a assiduidade possível a

actividade da Presidência da República, quando Spínola era ainda o titular do cargo. «Perdi» o 28 de Setembro porque nesses dias estava de férias. Fui até à Madeira e por lá a «maioria silenciosa» confundia-se com a «Flama». Lembro-me de o motorista de táxi no qual dei uma volta pela ilha me confessar a sua confusão e perplexidade pelas reivindicações de «independência já» e «fora com os colonialistas portugueses»...

Retomei o trabalho já Costa Gomes era o Presidente. Iniciava-se um novo ciclo. Interna e externamente. Observei de perto alguns passos importantes dados nesta última frente.

Por um lado, a descolonização, or outro, a abertura, sem complexos, ao mundo.

Estive em Argel, na cobertura das conversações entre a delegação portuguesa dirigida pelo ministro Almeida Santos e a delegação do MLSTP chefiada por Miguel Trovoada e onde foram limadas algumas arestas no caminho que meses mais tarde havia de conduzir ao nascimento de mais um país liberto do colonialismo: São Tomé e Príncipe.

Assisti em Bruxelas, na Primavera de 75, ao Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves falar sem subserviências, frontalmente, na linguagem imposta do respeito mútuo, com os mais altos dirigentes dos países da NATO e dias depois, em Paris, à visita oficial do Presidente Costa Gomes à França de Giscard. Era o fim do «orgulhosamente só». Essa afirmação de dignidade e soberania nacionais, de

abertura a todos os povos, mais se acentuou com outras duas visitas históricas que tive oportunidade ainda de cobrir para este jornal: As visitas de Costa Gomes à Polónia e à União Soviética, as primeiras então feitas por um Presidente português àqueles dois países socialistas.

Nesse período de grandes e profundas transformações democráticas em Portugal, o jornalista foi, simultaneamente, um privilegiado espectador e interveniente. Do 11 de Março, vivido no interior do Palácio de Belém, ao 25 de Novembro, saltitando de madrugada no carro do jornal por vários pontos da cidade, nesse tempo vertiginoso, vi muito e não contei tudo, porque a ética e o sigilo profissionais obrigam a que o bloco-notas também seja às vezes sepultura de notícias.

Por ROGÉRIO CARAPINHA

No próprio jornal, esse foi também um tempo de inquietação, de procura, de discussão, que envolveu, logicamente, a redacção. Como delegado sindical e membro da comissão de trabalhadores participei por dentro em muitos desses momentos. E hoje recordo o David Mourão-Ferreira não na sua faceta de escritor, mas como o director do jornal que pacientemente procurava o diálogo e o apaziguamento num colectivo de jornalistas onde se chocavam contradições e diferentes pontos de vista mas onde nunca faltou um apurado



Rogério Carapinha, jornalista de «A Capital» de 1974 a 1975, é actualmente chefe de redacção adjunto de «O Diário»

sentido de profissionalismo. As excepções fazem parte da regra...

Ainda antes do 25 de Novembro recebi um convite do «Diário de Notícias» para ingressar no seu quadro redactorial. Aceitei. Em «A Capital» o Rodolfo Iriarte era outra vez director interino. Estávamos de novo em tempo de transição. E no dia 27 de Novembro de 1975, conforme combinado, entrei para o «Diário de Notícias» de onde logo fui suspenso sem nunca ter escrito sequer uma linha.

Bom, mas essa é outra história para recordar noutra altura.

XVIII — 20.º ANIVERSÁRIO

A BAGAGEM NECESSÁRIA

NÃO posso dizer que é como se fosse hoje, mas ainda me lembro, e lembrarei, com satisfatória nitidez. Primeiro foi uma legenda de uma telefoto de um acontecimento mundano; depois veio o tradicional carrocel pelas polícias, bombeiros, agenda da praça. Aos domingos mergulhava na torrente dos telefones directos, era preciso que o jornal publicasse os relatos dos desafios de futebol da primeira e segunda divisões quando ainda mal tivessem acabado. Assim se foi estranhando o fascínio de uma profissão. Assim se foi solidificando a técnica de uma profissão, quantas vezes através dos acontecimentos mais corriqueiros, mais banais.

Foi assim que comecei, n' «A Capital». Não posso fazer comparações, mas asseguro que «A Capital» era, naqueles tempos, um excelente local para se aprender o ofício de jornalista. Percebi que a notícia, a reportagem, a entrevista, se modelam, se afeioam; compreendi que os acontecimentos são sempre mais importantes do que quem tem a tarefa de os relatar aos leitores.

O 25 de Abril transformou esta aprendizagem em curso acelerado. Insensivelmente, recordei sempre «A Capital» com as cores alegres da Revolução. Nesses dias, nesses meses, a aprendizagem misturou-se com improviso, com descoberta, com o verdadeiro deleite que era o de poder escrever palavras, expressões, siglas até aí apenas ciciadas, quantas vezes somente para dentro de nós. Mirámos e remirámos, folheámos e releímos repetidas vezes o primeiro número que não foi à censura, logo o de 25 de Abril, pois claro. Fui enviado para serviços que, em ocasiões normais, não seriam entregues a estagiários: o País acordava e todos éramos poucos para dar fé do que se passava.

Conselho de redacção, plenários, o debate permanente sobre o exercício da liberdade com a inerente responsabilidade entraram na nossa prática quotidiana. O jornal de cada dia era um desafio cerrado com a actualidade em mudança. Discutimos muito. Debatesmos tudo. No essencial, a lealdade prevaleceu mesmo nos momentos em que afloravam as contradições mais profundas. Essa realidade é inesquecível ainda hoje, como inesquecível é a figura de David Mourão-Ferreira, o director do equilíbrio na convulsão — e sabe bem escrevê-lo aqui hoje, independentemente de tantas vezes termos estado em desacordo. Lealmente, é o que importa.

Vivi a nacionalização. E com ela a certeza, logo comprovada, de que não é a mesma coisa trabalhar para um grupo económico ou para uma empresa pública. Entre a defesa dos interesses de um sector restrito e os interesses da maioria dos cidadãos esta última situação permite que o jornalista fique muito mais próximo da sua realização profissional. O tema é de uma actualidade flagrante, como flagrante é o apetite dos se-

nhores do dinheiro pelos jornais estatizados. Por amor à liberdade de informação? Ora ora, não sejamos ingénuos...

Comecei n' «A Capital» e com orgulho o digo e escrevo. Segui, depois, um caminho onde prevalecem a dignidade profissional, a procura do rigor e a dedicação a uma actividade que exige um permanente respeito



José Goulão, jornalista de «A Capital» de 1974 a 1975, é actualmente jornalista de «O Diário»

Por JOSÉ GOULÃO

pelos outros e por nós próprios. Não estranhei a mudança: trazia d'«A Capital» a bagagem necessária para continuar a ser jornalista — a técnica, o empenhamento e a humildade perante o acontecimento.

O jornalismo é uma profissão fascinante. Comecei a senti-lo n' «A Capital». As voltas da vida não apagam essa realidade.

RESTA-ME A MEMÓRIA DE TUDO ISTO



Maria Teresa Horta, jornalista de «A Capital» de 1968 a 1978, é escritora e chefe de redacção da revista «Múliheres»

Por MARIA TERESA HORTA

A PESAR do meu contacto, da minha colaboração com os jornais ter-se iniciado no «República» e no «Diário de Lisboa», foi em «A Capital» que comecei, realmente, a praticar o jornalismo. «A Capital», onde estive desde as primeiras horas, até ao final dos seus chamados «anos áureos».

Tudo o que hoje sei e sou como jornalista aprendi-o com Mário Neves, um dos fundadores e então director-adjunto do jornal. Homem que eu recordei sempre uma grande amizade e saudade.

Saudade funda ligada muito especialmente ao prazer que tirei da leitura do suplemento «Literatura & Arte», que Mário Neves me entregou e dirigi depois de Álvaro Salema o ter deixado.

Fazê-lo, semanalmente (chegou a ter 32 páginas), foi dos grandes desafios da minha vida profissional.

Fazê-lo foi igualmente o grande contacto directo com a escrita dos outros. Escrita passada ainda quente, digamos assim, directamente das suas mãos para as minhas.

Fazê-lo foi ainda, ou sobretudo, o contacto semanal com todos esses escritores e que, estranho que pareça, nunca aconteceu difícil. Mas muitas vezes empolgante e desafiador.

Como esquecer, por exemplo, que foi através do suplemento «Literatura & Arte» que se solidificou a minha grande amizade com David Mourão-Ferreira, ou que conheci Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa?

Fazê-lo, imaginá-lo, criá-lo foi a alegria (e o orgulho) de ter divulgado os primeiros textos de Olga Gonçalves e de Hélia Correia. De entrevistar Carlos de Oliveira, que há 14 anos não dava uma entrevista a ninguém.

Claro que fazê-lo me trouxe igualmente muitas arrelias e bastante luta. Assim com frustração e profunda raiva, impotência. Refiro especialmente o contacto sem aná que era obrigada a ter com a censura — através dos seus cortes sistemáticos. E como a prepotência sempre foi estúpida e tacanha, cortavam também tudo aquilo que não entendiam, como aconteceu com versos inteiros de poemas de António Ramos Rosa, Ary dos Santos e Alexandra O'Neil, ou na íntegra entrevistas com escritores, críticas, extractos de romances e novamente poemas. Impedindo, sem qualquer agravio, a sua publicação. Eram subsversivos — diziam os coronéis quando se tentava convencê-los a retirar os cortes. Como se a primeira «obrigação» do criador não fosse exactamente isso: ser subversivo.

Depois, houve ainda todo um quotidiano de boa camaradagem com alguns colegas de trabalho. Espécie de abraço grande, impossível de deixar de recordar neste momento. Mais: contacto com o qual aprendi imenso.

Assim, em «A Capital» conheci lutas e alegrias, zangas e solidariedade amigas. E aqui surgem os nomes, por exemplo, de Helena Marques, António Carvalho, Appol Sottomaior, Alice Nicolau, Rogério Fernandes.

Da minha passagem por «A Capital» resta-me a memória de tudo isto. E é muito.

O REPÓRTER E A EMENTA

O repórter age como um caçador. Caça o acontecimento que prende nas malhas da palavra ou no rolo de plástico da objectiva ou do vídeo. Caçador tantas vezes caçado no fogo real ou imaginado, nesta perigosa profissão de tiro ao alvo me iniciei em jornais clandestinos de juventude e, como profissional, na redacção de «A Capital», à Rua do Século. Por isso aqui estou a comemorar convosco 20 anos de história do jornal.

Nas salas da velha redacção já não martelam as máquinas de escrever — mudaram-se para outro local — mas fumegam pratos típicos de um afamado restaurante lisboeta. As palavras já não se atropelam na mente e na máquina em luta contra o tempo: — é preciso fechar o jornal, porra! — As palavras que hoje ali se cruzam voam vagarosas, mastigadas, certamente condimentadas com alguma luxúria ou um travo de política.

O terreno de caça do repórter é vasto só que nesse tempo o caçador não podia dispor da caça. Saltavam-lhe ao caminho os couteiros ou homens da censura (e não só) e mutilavam ou não deixavam que a caça chegasse à mesa dos leitores.

Naquele tempo, as inaugurações pacóvias, com largos treslados de insossos discursos, sucediam-se às inaugurações, aqui e ali entrecortadas por um incêndio, uma facada, um conto do vigário, uma cheia do Tejo. Mas nada de cores carregadas.

Ao leitor era diariamente ministrada uma ementa em que o conduto a mastigar provinha de uma pacata realidade nacional sem acontecimentos ou pequenos acontecimentos felizes, manchados pelas cruzes da necrologia, e recheada por um mar de tragédias que se abatiam pelo encapelado mundo. Mesmo as notícias da guerra colonial assentavam em discursos patrióticos ou em reportagens que mostravam os saudáveis rapazes em armas saltando no mato, se não felizes, pelo menos bem fardados e exclamando rigorosamente: — Adeus, até ao meu regresso!

A polícia constituía então uma das principais fontes de notícia. Um dia, disparado com o fotógrafo atrás de um evento — um homem tentava matar a mãe a tiros de caçadeira, cheguei primeiro que a polícia. Mas em vez da mãe assassinada, quase pisei o cadáver do filho, estendido numa poça de sangue, aberta pelo seu desespero.

Para abordar problemas de fundo, tínhamos de esbatê-los em almofadas que lhes retirassem toda a ressonância. Por exemplo, para noticiar que a mortalidade infantil era elevada, dizia-se também que diminuira e

que afinal Portugal não estava mal acompanhado se o integrássemos na escala da Terra: «Em cada dois segundos (números da época), nascem sete crianças no planeta, cinco das quais ficam sujeitas à fome, à doença, à ignorância e à pobreza. Ainda hoje nos meios rurais, a morte de uma criança está desprovida de tragédia. É um anjinho e os sinos não dobram a finados mas repicam festivamente. Em Ponta Delgada, às perguntas habituais da consulta materno-infantil: — quantos filhos tem? — é habitual a resposta: — três filhos comigo e oito no céu.» Etc, etc.



António Borges Coelho, jornalista de «A Capital» de 1968 a 1970, é actualmente professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Por ANTÓNIO BORGES COELHO

Mas o acontecimento que marcou profundamente a minha curta vida de repórter foi o acidente da cadeira que haveria de vitimar o dr. Salazar. O hospital da Cruz Vermelha tornou-se então o palco da acção política visível e aí se desenrolaram cenas do último acto do salazarismo. Números especiais foram compostos com inumeráveis elogios fúnebres a anunciar a morte do ditador. Só que o enfermo se recusava a morrer dando razão ao ditado: — nem o pai morre nem a gente almoça!

O CAMPEONATO EM LUANDA

AFINAL ERA OUTRO

EM Julho de 1974 aterrei em Luanda como enviado de «A Capital». A cidade vivia entre a euforia do crescimento económico e o torpor dos lazes, bebendo os derradeiros goles de uma ilusão sem futuro.

As primeiras convulsões, porém, não tardariam a sacudir os seus alicerces. Depois, um tropel de acontecimentos.

Tendo como base o Hotel Trópico, transformado em quartel-general de jornalistas e placa giratória de interrogações, intrigas e oráculos, vi e relatei, ao longo de trinta dias, o princípio do fim.

Macas sangrentas nos muceques despejavam, às dezenas, cadáveres nas morgues. Foi altura de expulsar os comerciantes brancos ou cabo-verdianos, de conquistar posições no terreno, de ajustes de contas entre facções rivais, ou, mais simplesmente, de criminosos de delito comum, um grupo engrossado pelas libertações indiscriminadas do Campo de São Nicolau, exercitarem as suas artes.

Equipas de filmagem da televisão experimental de Angola registaram em vídeo algumas dessas seqüências de tiro-teio e morte. O que será feito desses grandes documentos jornalísticos?

Alguns sectores da comunidade portuguesa demonstravam um nervosismo crescente e tentavam organizar-se. Assistiu-se, então, ao milagre da multiplica-

ção dos partidos. Chegaram a ser recensados cerca de quatro dezenas.

Das comissões e comunicados passou-se a outras formas de afirmação. Uma manifestação em larga medida impulsionada por motoristas de táxi e agentes da PSP terminou com a invasão do Palácio do Governador. Acossado, o almirante Rosa Coutinho saltou para cima de uma mesa e conseguiu o milagre de conter o ímpeto dos manifestantes.

Integrado num pequeno grupo de jornalistas que se deslocou ao Toto pude comprovar, entretanto, que a guerra não tinha parado. Numa operação de interceptação a uma coluna da FNLA ficaram feridos alguns militares portugueses.

Se uns combatiam, outros desertavam. Centenas de militares negros do Exército português desfilarão fardados e desarmados desde os aquartelamentos da estrada de Catete até à Fortaleza de São Miguel, onde efectuaram uma grande concentração. Depois dispersaram para, ao que presumo, muitos deles não mais voltarem às suas unidades.

Os movimentos de libertação começavam a aparecer às claras. Um comício do MPLA, onde se viam também bandeiras da FNLA, encheu, a deitar por fora, o Campo de São Paulo. Eu estava com um português, de fortes raízes em Angola, que teve a gentileza de me acompanhar. A dado momento pegou-me pelo braço e conduziu-me para outro ponto.

Anos mais tarde — digo-o sem glória nem emoção — a mesma pessoa, já em Portugal, manifestou desejo de se encontrar comigo. Queria explicar-me que, naquele dia, no Campo de São Paulo, apenas quis desviar-me da linha de tiro de uma pistola que alguem, de forma dissimulada, me apontava.

Mas o que me *matou* mesmo foi um fazendeiro de café, chamado Sá Carneiro (o nome, só por coincidência, é igual ao do falecido líder do PSD), chegado a Angola nos anos 30, com o instinto apuradíssimo para as borrasças que se avizinhavam.

Convidou-me para jantar ao Clube Naval, tendo por cenário de cortar a respiração (os lugares incomuns estão condenados a ser definidos por lugares-comuns) a baía de Luanda.

A ementa incluiu caranguejos de Moçâmedes, um dos símbolos da generosi-



Pedro Vieira, jornalista de «A Capital» de 1972 a 1978, é actualmente editor de «O Jornal»

Por PEDRO VIEIRA

dade da natureza angolana. O jantar e a conversa corriam ao som do piano. Eu, voluntarioso, procurava descobrir razões e saídas para alguém que, finalmente, mais não queria do que permanecer de pé, mesmo que isso significasse ir ao fundo com a nau do império. Então, o

fazendeiro de café, chamou o pianista negro, pôs-lhe uma nota nas mãos e disse-lhe para tocar a marcha «Angola É Nossa».

E pensar eu que «A Capital» me enviou a Luanda para cobrir o Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins!

A PRIMEIRA LIÇÃO

EU viera do jornalismo desportivo, tido pelo antigo regime como informação menor, ao ponto de recusar aos seus trabalhadores o estatuto, devido, de profissionais. Viera para «A Capital», cheio de ilusões, pela mão do Oliveira Nunes e com o aval do «velho» Santos Jorge, que, desprezando *proibições*, foram recomendar-me ao Carlos Machado, então secretário-geral da empresa. E mal sabia, ainda, para que sector iria trabalhar, quando o chefe de redacção me marcou a primeira prova de fogo: assegurar a cobertura de uma reunião de médicos, a realizar nessa noite, no Hospital de Santa Maria, à revelia das autoridades, que não simpatizavam nada com esse tipo de comportamentos.

É verdade que eu confiava no meu traquejo de rua, ganho na reportagem desportiva. O futebol, porém, era uma coisa e a grande informação outra. Daí o alvoroço que se apoderou de mim quando recebi o encargo, supostamente difícil de cumprir, quando antecipadamente se sabia tratar-se de uma atitude de contestação, embora sem contornos ideológicos muito bem definidos.

Não recordo já qual era a ordem de trabalhos prevista ou, mesmo, se ela me foi comunicada. Lembro, contudo, o nome do dr. António Galhordas como o de uma das personalidades ligadas à iniciativa, à volta da qual se gerara grande expectativa — menos pelos resultados do que pelo acto em si —, designada-

mente em áreas da oposição, onde se sublinhava o facto de uma classe profissional — a dos médicos — se predispor a enfrentar a hostilidade do poder e a discutir, ela própria, os seus problemas.

Foi uma noite longa de debates, de fumo e de acesa controvérsia entre moderador e radicais, todos eles, no entanto, unânimes nas críticas ao Governo de Marcelo Caetano, que, esquecido das promessas iniciais de liberalização política, depressa retomara a senda da dureza seguida pelo seu antecessor. E em termos tais se condenavam os procedimentos governamentais que depressa me convenci da inutilidade do meu esforço e da impossibilidade de noticiar o que quer que fosse relacionado com a reunião. Isso não me seria, decerto, consentido, pelos vigilantes coronéis.

Esgotado pelo continuado cruzar de palavras e de conceitos que teria de sintetizar e denunciando o nervosismo próprio de quem, pela primeira vez, vivera um ambiente de semiclandestinidad e atitudes políticas intoleráveis para o poder, entrei na redacção, às primeiras horas da manhã, bloco cheio de apontamentos, é certo, mas predisposto a dissuadir o chefe do esperado propósito de me fazer escrever o relato dos acontecimentos, de tal modo eu estava convencido de que não valeria, sequer, a pena tentar iludir a Censura.

«Como correu a coisa?», interpelou aquele, logo que me viu entrar. A pergunta, feita num tom grave que lhe era

peculiar, não era encorajante para as minhas intenções, e o olhar grave, filtrado pelas lentes dos óculos de tartaruga que se destacavam num rosto sisudo de espessa barba escura, também não era nada animador. Todavia, arranjei coragem e adiantei a querer fazer graça:

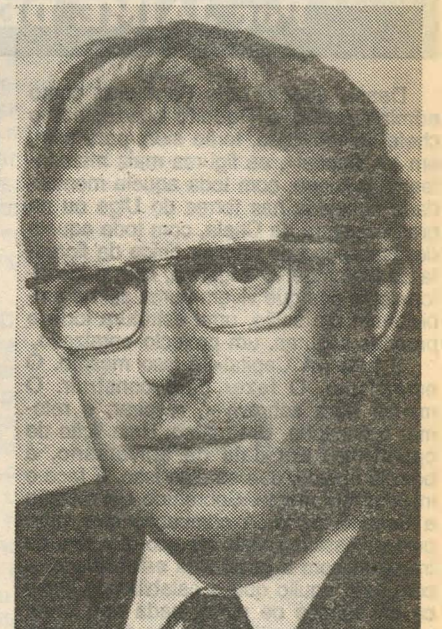
«Creio que nem vale a pena fazer o título. A Censura não vai deixar sair nada.»

Lentamente, o chefe levantou-se de detrás da grande secretária de madeira cheia de papéis e começou a caminhar na minha direcção. Depois, humanizando o timbre de voz, Rogério Fernandes assumiu o ar pedagógico do docente que era e, pondo-me a mão no ombro, disse-me simplesmente:

«Faça você a sua obrigação e deixe a Censura fazer a dela.»

Por ENCARNAÇÃO VIEGAS

Com a celeridade habitualmente requerida pelos vespertinos aos seus repórteres, passei, em síntese, ao papel quase tudo do que ouvira em Santa Maria. Enchi, até cerca do meio-dia, não sei quantos linguados. Mas foi já sem surpresa que vi, depois, confirmado o meu vaticínio: a prosa fora integralmente cortada, o lápis azul riscara, de alto a baixo e em diagonal, as provas tipográficas previamente enviadas aos coronéis. A lição, a primeira que recebi, ficou, porém, e nunca mais a esqueci. Continuou pelos



Encarnação Viegas, jornalista de «A Capital» de 1970 a 1977, é actualmente chefe da Divisão de Notícias da Direcção-Geral da Comunicação Social

anos fora a servir-me de padrão e ainda hoje muitas vezes a recordo a outros, mais novos, quando os ouço dizer que «não vale a pena», para alijar responsabilidades. Foi um marco que Rogério Fernandes colocou na carreira de um jornalista, cuja passagem pelos quadros de «A Capital» lhe permite testemunhar o papel que o jornal desempenhou na imprensa portuguesa na década de 70. Esse foi, para mim, o período de «escolaridade obrigatória», a meu ver exigível a todos os profissionais da informação.

SEM PIEGUICES E DE MÃOS ABERTAS

EU chegara de Angola, em 1970, quando tive a oportunidade de entrar para a redacção do jornal «A Capital». Vinha de uma terra onde os horizontes eram largos, embora complexos, onde o jornalismo (não tão incipiente como se pensava, bem pelo contrário) acompanhava toda aquela extensão territorial, toda aquela lonjura de sonhos, como se através dela quisesse também abrir a estrada do seu próprio futuro. Eu trazia, pois, quando aqui cheguei e subi a velha escada que me conduziria à redacção de «A Capital», toda a ambição e a garra de uma outra publicação em que até então trabalhara durante anos, «Notícia» de seu nome, Luanda e Charulla de Azevedo de eterna e cada vez mais saudosa recordação.

Em «A Capital» iria encontrar, surpreendentemente, a continuação daquela maneira de ser, daquele jeito de plantar os pés no chão e viver a terra. Era uma redacção de gente jovem, de gente que não se atropelava, nem estendia a biqueira dos sapatos, em busca de melhores «lugares» e rechonchudos carcanhóis, mas sim se empenhava na procura irreverente da notícia mais quente e da melhor mensagem. Recordo-me de que o meu primeiro trabalho, em «A Capital» foi uma crónica intitulada «Os capitães do asfalto». Aí, dando conta do duro e nada recompensado trabalho dos que semeiam alcatrão nas ruas, estava justamente a dizer que futuro negro não era o amanhã que aquela pequena e bulhosa redacção pretendia fosse para quem fosse. Viviam-se, pois, uma época em que o jornalismo corria contra o tempo e contra o sistema então instituído, «criativava-se», agarrava-se o acontecimento pelos fundilhos.



Jaime de Saint-Maurice, jornalista de «A Capital» de 1971 a 1980, é actualmente jornalista da RTP

Por JAIME DE SAINT-MAURICE

Dessa época, Luís Fontoura, como administrador, e Rodolfo Iriarte, como chefe de redacção, terão sido, para mim, em «A Capital», as figuras mais marcantes. O primeiro, com toda aquela mentalidade caldeada nas terras do Uíge ou na granítica serra da Chela, com todo aquele desassossego de crescer típico da floresta do Maiombe. O segundo, com o inconformismo dos que vivem numa sala e ambicionam um salão, uma estrutura forte e paredes seguras, um projecto enraizado.

E hoje «A Capital» é isso mesmo. O estoicismo. O fazer para construir. O manter para sobreviver, respirar, e retomar o caminho. Um marco. Uma lição de optimismo. Em data de aniversário, é bom, é óptimo, que se diga isso. E faça-o insuspeitadamente. Sobretudo em relação a Rodolfo Iriarte. A admiração que nutro pelo profissional, pelo técnico que tem de trabalhar com a gestão da estabilidade, e com tudo aquilo que a estabilidade implica em termos de rumo, nada tem a ver com a incompatibilidade de feitios que nos afastou. É o mínimo de justiça que Rodolfo Iriarte merece, pelo menos da minha parte.

Mas neste pequeno bosquejo, e ainda naquele tempo, cabem outras referências a jornalistas igualmente de mão-cheia. Como por exemplo esse grande génio da

reportagem que se chama Fernando Carneiro (o que é feito de ti e das tuas reportagens, Amigo?). E ainda Daniel Ricardo, Fernando Gaspar, Mário Alexandre, Pedro Alvim, Joaquim Lobo, Alice Nicolau, e tantos outros que o tempo vai pintalando de branco os seus cabelos ou afastando infelizmente do convívio dos que por cá ficam.

São estas as palavras que mais rapidamente cabem na correspondência ao convite que me fizeram para participar no número especial de aniversário de «A Capital». Não encontro outra mensagem, não vejo outra forma de desenvolver o quanto de mim ficou «aí», e (porque não dizê-lo também) o quanto de mim se frustrou na continuação da minha vida profissional, embora num outro órgão de informação que é a Radiotelevisão Portuguesa. Mas isso são outras histórias, são outras recordações. Neste momento, cuida-se de falar do «meu» jornal, do respeito que lhe devo, do muito que lhe desejo.

Termino com a sensação de que esta minha colaboração afinal não terá passado de uma simples carta. Do mal o menos, exclamarão alguns. Antes assim, dirão outros. Mas é tudo o que posso dar, sem pieguices e de mãos abertas. Para todos, os meus parabéns. E até sempre, Amigos.

A SOLIDARIEDADE

1. IRIARTE, BATORÉO, ANTONIO DOS SANTOS

Em 1969, em busca de uma notícia, levei pancada das polícias ao serviço de Marcelo Caetano. A dura aprendizagem da primavera marcelista, ainda com guerra colonial. Era da «Vida Mundial», 50 000 de tiragem no II Congresso da Oposição Democrática. O orgulho de uma revista onde me sentia da oposição. Vinha das universidades, das lutas estundantes, do cálculo integral e das teorias das probabilidades, de Luís de Albuquerque e de Almeida e Costa, de Tiago de Oliveira e de Dias Agudo, para um jornal de província que a censura fechara. Dos jornais das universidades, dos boletins das cooperativas livres de estudantes, para uma revista de actualidades, a de maior expansão nacional. Sentia-me jornalista. Tinha tido um curso de seis meses do Sindicato dos Jornalistas e sete ou oito grandes aventuras de reportagem (a maior de todas — a greve de luto dos ferroviários).

Sentia-me jornalista. Coleccionava recortes de censura e não podia perder um «fait-divers» que beliscasse o fascismo. Ser jornalista fazia parte do combate. Mesmo que a notícia fosse cortada pela



José João Louro, jornalista de «A Capital» de 1971 a 1975, actualmente no departamento de Informação da CGTP-IN

Por JOSÉ JOÃO LOURO

censura, era necessário escrevê-la.

Uma criança na rua. A face rasgada por uma baioneta. O 1º de Maio. Como te chamas? Ainda hoje não sei a resposta. As pancadas na cabeça. A prisão. Os pides a dar estalada: «batam-lhe na cabeça!» Os polícias de choque a bater com as coronhas de espingarda, até não sentirmos costas, nem cabeça, nem corpo, nem amor à vida. Até querer que tudo acabe, para não sentirmos a humilhação. A angústia de ser apenas um saco de batatas, onde as pancadas ressoam.

Transferem-me. Vejo seis jornalistas a exigir a minha libertação. Três são de «A Capital» — Iriarte, Batoréio e António dos Santos. Nenhum da «Vida Mundial». «Ele não estava de serviço à manifestação» — afirmaram quando alguém para lá telefonou. Um jornalista está sempre de serviço à notícia, apetecia-me ter respondido. Os outros — Paulo David, Edite Soeiro e Acácio Barradas — tiveram a coragem de me tirar das mãos da Pide. Solidariedade. Foi assim a primeira vez que contactei com os jornalistas de «A Capital».

Na cabeça «martelada» e sofrida, um capacete de chumbo de insensibilidade e uma pergunta: quem estará de serviço se um dia houver uma revolução? Quem é que estava com o

serviço marcado ou agendado no dia 25 de Abril? Quem é que estava de serviço quando as bombas da ARA rebentaram numa madrugada de 8 de Março na escola da Pide? Quem é que estava de serviço quando os trabalhadores se manifestavam por um melhor salário? Escrevíamos conscientemente para a censura e para os cortes dos «donos dos jornais». Com a consciência de que existiam operários que produziam cópias das «provas censuradas». E as cópias circulavam. Era sempre pior não fazer notícia.

2. RUDOLFO IRIARTE, BEÇA MÚRIAS E DANIEL RICARDO

Até ver este trio viver num jornal, nunca soubera, verdadeiramente, o que era um diário. No «DL» trabalhava, fundamentalmente, num suplemento semanal. Na «VM», numa revista. O ritmo dos semanários. «A Capital», naquele tempo, era feita, integralmente, pelos repórteres e redactores, quase sem material de agência. Textos vivos. O ritmo do jornal diário. A loucura das grandes e loucas reportagens. Eles viviam o jornal como um doloroso parto diário, bem gritado, até as gargalhadas dolorosas do nascimento do jornal do dia. Até o

cheiro do jornal lhes entrar no sangue irremediavelmente.

3. ADELINO TAVARES DA SILVA, HELDER PINHO, MANUEL BATORÉO

Adelino, um dos mais geniais repórteres da imprensa portuguesa, capaz de inventar para tornar tudo mais real. Não há reportagem mais real do que aquela que ele escreveu em Paço d'Arcos, fingindo que estava em Nova Iorque. Tinha-o conhecido no «DL» onde ele lia na redacção as crónicas censuradas, anti-salazaristas. Recordo o riso dele na redacção, numa torrente de histórias e de vida.

Hélder Pinho, para mim, o verdadeiro repórter. O mais autêntico até ao «naifismo». O inventor do «Leão do Rio Maior». Dezasseis primeiras páginas — o surrealismo na imprensa portuguesa. Foi leão, cangurú, até acabar como cão-d'água. Um leão que assustou e entreteve o País. O fascismo decadente e podre pôs-se à caça do leão pelas serras, aventureiros em busca de uma ilusão...

Ninguém como Hélder Pinho vivia o «fait-divers». Comprei num leilão o livro do «Repórter X» e ele, an-



UNICLIMA

A mais importante e eficiente empresa, no fornecimento e montagem de:

VIDROS E ESPELHOS

destinados aos mais diversos sectores, tais como: construção civil; fabricantes de caixilharia de alumínio e divisórias; indústrias de mobiliário e de «frio»; decoração de hotéis; estabelecimentos; centros comerciais e casas particulares

Estudos e orçamentos grátis — Consulte os nossos serviços comerciais
Serviços técnicos altamente qualificados no estudo e montagem de: portas e instalações de vidro temperado e instalações de Squash; vidros duplos; vidros à prova de bala; vidros de segurança para coberturas; piscinas, etc.

SEMPRE NO TOPO

Fabrica agora,

VIDRO DUPLO e TRIPLO — isolante

(sistema Tremeo-americano) — o mais moderno e eficiente, com a marca de garantia

UNICLIMA

em diversas composições: Vidros Float incolor, Atermicos — Bronze, Grés e Verde, Reflectantes Stopsol e Antifó claro e bronze; vidros impressos e de segurança, etc.

UM JORNAL DA TARDE

TODOS PREPARADOS PARA TUDO



António Vinagre, jornalista de «A Capital» de 1972 a 1980, é actualmente jornalista da agência noticiosa Lusa

6. JOSÉ JAIME FERNANDES

Ex-operário. Funcionário do Arquivo com Maria João Múrias. Hoje licenciado em Geografia. Um homem do partido, da clandestinidade, preso três vezes pela PIDE. Duas em «A Capital». À volta dele cresceu a solidariedade. Abaixo-assinados que só quatro não subscreviam. Tenho ainda hoje as assinaturas. Era com comoção que as levava à Comissão de Socorro aos Presos Políticos. O Iriarte, o Beça e o Daniel Ricardo encabeçavam-nas. Eram os primeiros a assinar.

No 26 de Abril, de manhã, pelas 9 horas, recebi-o com um abraço no pátio de Caxias. Um jovem que vivera Peniche, o presídio militar, Caxias. No abraço, a recordação do trabalho político realizado.

7. A COMISSÃO UNITÁRIA

Reunião num Sindicato, clandestinamente. Tinha gente de várias secções do jornal e de várias correntes ideológicas. A Comissão Unitária Antifascista era, também, a vida do jornal.

8. 25 DE ABRIL

Para mim «A Capital» foi o primeiro jornal a sair no 25 de Abril. As quatro da manhã já estava na redacção. O Iriarte foi o primeiro a chegar. Os outros chegaram, pouco a pouco, meio a dormir.

«A Capital» foi aquele colectivo que telefonou para os quartéis, para saber quem estava com a Revolução. Quem se encostou ao «Carmo» para ver Abril surgir. Aqueles fotógrafos que tiraram as imagens históricas de Caxias. Os que foram mais jornalistas para só serem solidários com a Revolução. «A Capital» era o Hélder Pinho, a gritar como louco na redacção, em honra do seu «fait-divers», o Goulão calmo no fundo da redacção, o Daniel Ricardo a limpar reportagens, o Pedro Alvim a inventar simplicidade nos textos, o «louco do Porto» que inventava santos, a Alice Nicolau, a Manuela Alves e os outros amigos.

«A Capital» para mim foi solidariedade.

A minha primeira grande experiência no campo do jornalismo iniciiei-a em 1972 quando entrei para o vespertino «A Capital». O convite chegara-me através do consagrado jornalista Beça Múrias, infelizmente já desaparecido do número dos vivos, que era então chefe de redacção adjunto e me foi «arrancar» à revista «Flama», onde eu ensaiava os primeiros passos na carreira.

Na ocasião deparou-se-me em «A Capital», ainda instalada na Rua do Século, uma aguerrida equipa formada por meia centena de experimentados e talentosos jornalistas, a quem se exigia também a polivalência para tratar qualquer tema, desde a visita matinal à PSP, onde o comissário Costa informava sobre os acontecimentos registados durante a noite, ao torneio de florete e «badminton», à grande entrevista à personalidade em destaque, à reportagem dita de prestígio ou ao simples facto do quotidiano.

«A Capital» estava «em todas» e por norma todos tinham que estar preparados para fazer de tudo com pelo menos nível aceitável. Essa foi sem dúvida a melhor escola onde tantos foram captando o abecê da profissão, ao mesmo tempo que cimentavam a consciencialização da importância e responsabilidade que é ser jornalista.

Dessa extraordinária equipa não posso deixar de evocar os dois já falecidos, primeiro o Fernando Peres e recentemente o Beça Mú-

rias. Fernando Peres tinha sobretudo um grande coração e rememoro-o neste aspecto por outras coisas ainda mais significativas do que ter-se prontificado sem hesitação a avalizar as letras da compra de um carro, embora mal me conhecesse quando o abordei nesse sentido. Beça Múrias, aproveito para homenagear como exímio chefe de redacção que algumas vezes me devolveu prosas que considerava poderem ser aperfeiçoadas e outras enalteceu de pronto o trabalho que lhe apresentara, em ambos os casos agindo como um formador e sem humilhar na primeira situação ou lisonjear gratuitamente na segunda.

Não é fácil, nem seria possível nas linhas que me reservaram, testemunhar em pormenor a minha presença de oito anos em «A Capital», interrompida em 1980 quando voluntariamente me despedi por razões que não vêm a terreiro. Difícil, também, retratar esse jornal no seu período auro, quando ali pontificavam dos melhores jornalistas portugueses antes da sua dispersão por outros jornais, rádio e televisão, quando as disponibilidades financeiras permitiam dar largas à imaginação e estar «em todas» a nível nacional e em muitas à escala internacional.

Por ANTÓNIO VINAGRE

Mas o que não poderei omitir é o estilo tão próprio que se cultivava em «A Capital» — quase diria que uma «mística» interna — o orgulho que se sentia de pertencer aos quadros do jornal e de dar a conhecer essa condição em todo o lado.

A rematar, descrevo um ou outro episódio, entre tantos, que vivi neste período da minha carreira.

Julgo que a primeira «guerra» para que me mobilizaram foi uma daquelas frenéticas tardes desportivas de domingo, com meia centena de pessoas e outros tantos telefones a berrar na redacção, onde se recebiam os relatos de futebol das primeira e segunda divisões que iriam alimentar a segunda edição do jornal, apregoada em Lisboa pelos arduos, cerca das 18 horas.

Nunca esquecerei que a minha primeira reportagem tratou de espeleologia e a última do ensaio geral de uma revista no Parque Mayer.

Lembro-me da tarde em Marcelo Caetano apareceu de surpresa na então Assembleia Nacional para receber a solidariedade da designada «Brigada do

Reumático» e de como eu, em funções de jornalista parlamentar, corri ao telefone para pedir o avanço imediato de um repórter fotográfico.

Foi um momento inesquecível a entrevista ao mais idoso taxista de Lisboa, na sua casa de Alfama, entre ginjinhas e chilrear de periquitos numa gaiola. No final insistiu em levar-me ao jornal para demonstrar que estava «em forma» nos seus mais de 80 anos e só posso confessar que a corrida foi excelente e acabou numa curta visita à tasca da «Engenheira», no Bairro Alto.

Quando o FC Porto se deslocou a Atenas para defrontar o Panatinaikos fui destacado para a cobertura noticiosa do acontecimento e devia partir com dois dias de antecedência. Porém um desentendimento com o horário do avião reteve-me em Lisboa até ao dia do jogo, o que não obsteu a que as crónicas «enviadas» da capital grega chegassem pontualmente ao jornal. Ora bem, lá segui para Atenas mas ao chegar ao aeroporto deparei com uns funcionários gregos muito hilariantes, logo

descobrimo que isso se devia ao facto de o Porto estar a perder por 5-0! Quando cheguei ao estádio os portistas estavam a entrar para o autocarro e deram-me boleia para o hotel, onde, com a ajuda do saudoso José Maria Pedroto e alguns jornalistas da comitiva, pude reconstituir os factos e alinhar a última crónica desta série.

Um dia «A Capital» veio para a rua sem o suplemento habitual devido ao corte drástico, pela comissão de censura, de uma reportagem feita com o motorista do então Presidente da República, almirante Américo Tomás.

Esse homem que tinha a particularidade de ter sido motorista de Chefes de Estado quase até à primeira República, lamentava na reportagem as condições precárias em que habitava nas dependências do Palácio de Belém e, entre outras coisas simples, dizia também que o almirante gostava de viajar com certa velocidade. Ainda hoje não sei se o texto recebeu o traço azul da censura pela referência à habitação, se à «gás-pea» do presidente, ou se a ambas.

QUEIRÓS PEREIRA

Um dos donos do jornal da Companhia das Letras de Lisboa. O símbolo da pressão do capital em «A Capital». Um dia fiz uma reportagem no Sindicato dos Cobradores. O chefe, lacaio: «Não sair nada se o senhor Queirós Pereira assim quiser». Não saiu nada. Esta foi uma das alegrias do chamado jornal privado. Copiei o texto e passei para o «República», para o «DL» e para os outros. Saiu. «Como é possível ser publicado noutros jornais? Você era o único jornalista presente!» Mas não.

OLÍVIA DE CARVALHO

Tinha os hospitais, tribunais, os bombeiros, a praça e tudo o resto. O Iriarte gritava pelas prosas. Olívia dava-nos os bombeiros, os hospitais, resolvendo, antes de nós, os problemas. Na manhã de 25 de Abril todos os quartéis, os correspondentes (pelo telefone), um corropio de acontecimentos, tranquilizada com um sorriso. As jornalistas dos jornais, herdeiras do combate pelo «fait-divers». Olívia nunca esquecerei.

TV
VIDEO
AUDIO

NEC

GARANTIA

novison

UM MARCO NA MINHA VIDA PROFISSIONAL

A minha entrada na redacção de «A Capital», a 1 de Setembro de 1970, representa um marco na minha vida profissional porque foi este o primeiro jornal em que trabalhei.

Tinha começado anos antes na revista «Flama» e vir para «A Capital» correspondeu ao desejo, comum a todo o jornalista (penso eu), de experimentar o jornalismo diário.

Surgiram inevitavelmente dificuldades de adaptação ao trabalho. Foi como se tivesse de virar os binóculos ao contrário: enquanto no jornalismo de revista se ampliavam e aprofundavam dados, factos e (se possível) pessoas, e se escreviam extensas prosas, no jornal tinha de os reduzir à sua dimensão mais «breve», de modo a fazê-los caber numa notícia.

Fazer títulos sucintos e adoptar o ritmo frenético do jornal diário foram outras dificuldades maiores, sendo a segunda complicada pelo implacável e absurdo lápis da censura oficial. Mas dessa aprendizagem da vida em frenesi guardo uma imagem de óasis: as manhãs de domingo. Nós, repórteres, ganhávamos então — salvo erro — 4500 escudos, trabalhávamos 5 horas por dia e gozávamos uma folga semanal rotativa, visto que os jornais se publicavam ao domingo. Nas manhãs de domingo faziam-se as rotinas noticiosas (pólicas, bombeiros, trânsito, etc.) e pouco mais. Se era preciso sair em serviço atra-



Manuela Alves, jornalista de «A Capital» de 1970 a 1974, é actualmente jornalista do «Diário de Lisboa»

Por MANUELA ALVES

vessava-se uma cidade aparentemente adormentada e voltava-se a uma redacção com «meia dúzia de gatos».

É-me impossível quantificar o que aqui aprendi. Sei que foi bastante mais tarde — não posso precisar quando — que consegui, diante do emaranhado de uma conferência de imprensa, de uma comunicação oficial ou de um comunicado, dizer com segurança: esta é a notícia.

Mas se tive dificuldade de adaptação ao trabalho, não tive dificuldade de ambientação, apesar de — se bem me lembro — ter sido nesses tempos iniciais a primeira mulher jornalista fisicamente presente na redacção.

Embora nessa altura «A Capital» contasse no seu corpo redactorial com alguns jornalistas da velha guarda — o director era Maurício de Oliveira — predominava o grupo de jovens que, interrompido o projecto, geralmente de formação universitária, pela imposição da guerra colonial, tinham, ao regressar, enveredado por esta «profissão que mata».

Era-me agradável entrar de manhã cedo naquelas duas salas brancas de tecto alto e grandes janelas, do primeiro andar da rua de «O Século», onde muito cedo também entrava o «menino dos cafés», fazendo prodígios de equilíbrio com duas bandejas amolgadas,

em que nos trazia cafeteiras de café, sandes, bolos, chávenas, entre outras coisas «úteis».

Foi em «A Capital» que me viciiei no café, que fui sindicalizada sem subterfúgios (antes do 25 de Abril só os jornais diários davam acesso à sindicalização) e que fui promovida a redactora.

Entre as boas recordações desse tempo avulta a dos laços de camaradagem e amizade que me ligaram aos companheiros de trabalho. E quando vasculho as minhas gavetas é com emoção e saudade que revejo as fotografias de grupos de «farra» em que ao lado dos mais novos não faltava o Manuel Alpedrinha.

Depois, esse espírito dos bons velhos tempos transformou-se radicalmente, mas em tempo de aniversário não cabe recordá-lo.

Das portas que Abril me abriu entrei, a 1 de Junho de 74, na do «Diário de Lisboa», de cuja redacção ainda hoje faço parte e na da redacção do Telejornal, onde trabalhei de Agosto de 74 a Julho de 75.

Num momento em que a escrita cede terreno aos audiovisuais, saúdo todos quantos têm a coragem de fazer dela a sua profissão e, em particular, os que mantêm viva «A Capital».

VALEU MESMO A PENA

QUANDO, em Junho de 1973, alguém me disse, entre dois julgamentos, «vai ao telefone, que é do jornal», pensei logo que a peça telefonada horas antes, pouco tempo depois da madrugada, não tinha agradado.

Mas não. Do outro lado do fio, a voz do então chefe adjunto da Redacção, Beça Múrias (deixaste saudades, velho) souu com uma pergunta surpreendente, atirada a seco: «Queres vir trabalhar para a sede, já?» A resposta, embora gaga, não terá sido menos inesperada, para ele: «Dentro de algumas estarei a caminho, chefe.» «Então, avança», retorquiu o meu interlocutor.

Três dias depois, comecei a dar provas do



F. Castro, jornalista de «A Capital» de 1973 a 1985, é actualmente jornalista do semanário «Tempo»

Por FERREIRA DE CASTRO

que valia como estagiário praticamente feito, na cobertura da chamada Volta a Portugal em Motonáutica. Para trás, tinha ficado uma vida cheia de pequenos nada, apagada, pobre, frustrante...

Valeu a pena. Valeu mesmo a pena. Em doze anos de jornalismo, ao serviço deste jornal, aprendi o que nenhuma universidade me podia ensinar durante uma vida inteira. Corri mundo, conheci gente importante a quem e além-fronteira, acumulei conhecimentos, experiências... numa palavra, enriqueci. Em grande parte porque tive o privilégio de estar no jornal onde pontificavam e, em alguns casos, ainda pontificam, vários nomes mais sonantes da imprensa portuguesa.

Foi uma aprendizagem (ainda longe do fim) dura, difícil, por vezes, com muitos espinhos ao longo do caminho, com algumas crises pelo meio mas, repito (nunca me canso de repetir), valeu a pena.

Não quero deixar de assinalar o que penso do meu trabalho: sempre o considereei, em «A Capital» e, depois, noutros jornais, como o prolongamento de um compromisso, do meu

próprio, o que me diferenciava dos outros mortais humanos. E quando falo de compromisso, refiro-me exclusivamente ao compromisso vital.

Como acima disse, não posso ocultar que passei por momentos de desfalecimento. Também não posso esconder que há outros em que deixaria de fazer o que faço. Mas sou rápido a virar as costas a penhoramas mais desagradáveis e a regressar à pista de saída desta profissão venenosa e atraente — com todas as insuficiências e limitações que se queira — mas sempre com o propósito de mostrar bem que entre os meus princípios e as minhas referências, figura o enobrecimento da democracia, a defesa da liberdade e a denúncia da injustiça, esteja ela onde estiver.

Não sem esquecer que esta disposição permanente faz com que me sinta vigiado por quem aproveita o trabalho e a ignorância dos demais — antes e agora — uma vez em nome dos valores eternos e outras invocando uma honradez que está muito distante das suas reais características.

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS

- Tubo em aço de e 50x35 mm
- Chapa em aço de 1,5 mm
- Fechadura de segurança sem canhão com chave tipo colre
- Tubo em aço de e 35x35 mm
- Fechadura de alta segurança com chave computarizada
- Isolante anticústico (Lã de Rocha)
- Dobradiças especiais em aço

SEGURANÇA

A.F.R.S.

PORTUGAL

VÁRIOS MODELOS

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS

- Tubo em aço de o 50x30 mm
- Chapa em aço de 1,5 mm
- Fechadura de segurança sem canhão com chave tipo colre
- Tubo em aço de o 30x30 mm
- Fechadura de alta segurança com chave computarizada
- Isolante anticústico (Lã de Rocha)
- Dobradiças especiais em aço

CONVERTE O SEU LAR NUMA CASA FORTE

SALÃO DE EXPOSIÇÃO E VENDAS
Av. Brasil, 158-A — Tel. 89 95 46
LISBOA

ENRIQUECEDOR

PEDEM-ME um apontamento sobre a minha passagem por «A Capital» como jornalista. Sem dúvida que anuí, muito embora tal me force a fazer um recuo de memória até quase 20 anos, tão distante se encontra já essa minha passagem no vespertino (então) em busca de uma (maior) implantação no mercado nacional.

Apesar de ter iniciado a minha actividade na delegação do Porto, pouco tempo aí permaneci. Foi política dos responsáveis de então, a abertura de uma outra em Faro, visto que se visava o lançamento do jornal de norte a sul, junto de dois dos três grandes centros de actividade do País, sendo que, nessa altura, o Algarve se lançava abertamente no caminho que ora trilha.

Viria a ser no Algarve a minha actividade durante mais de um ano. Seria «A Capital» o primeiro jornal a ter uma delegação e um jornalista profissional (residente) a trabalhar nesse distrito.

E, entre muitas outras recordações, nessa altura ocorrem-me as que se prendem com os primeiros tempos



A. Valle Fernandes, jornalista de «A Capital» de 1970 a 1973, é actualmente chefe de redacção adjunto de «O Jogo»

Por A. VALLE FERNANDES

(quase o mais de um ano que ali passei) em que trabalhei no Algarve.

Trabalho simples, fácil? Em parte sim, em parte não, mas, neste mesmo aspecto, trabalho sobretudo gratificante — é que não é todos os dias que se tem a sensação de que algo cresce, de que desperta a atenção, provoca a admiração e o respeito. E quando esse algo é um jornal, maiores são os motivos de satisfação.

E cada dia que passava, mais se arreigava em quantos naquela delegação trabalhavam a ideia de que se estava a trilhar um caminho que era o mais indicado para que o jornal atingisse, no mais curto espaço de tempo e de forma sólida, uma implantação que, não sendo contra ninguém (leia-se contra nenhum jornal), não deixava de ser difícil porque teria de quebrar com certos conceitos, com determinadas formas de estar. E nisso assentou todo o trabalho e o resultado seria francamente positivo, poucos meses volvidos.

E para que se compreenda o alcance da medida que fez com que no Algarve houvesse um «jornal» diário, como viria a ser com «A Capital», basta referir que, pouco tempo volvido sobre o que se convencionou chamar-se de período de lançamento, tudo quanto de uma forma ou de outra se poderia considerar como «notícia» infalivelmente ali viria a cair, forma inofensiva de que, realmente, havia todo o interesse e as vantagens era manifestas para os algarvios o facto de terem, portas adentro, o «seu» jornal diário. E a dada altura,

uma estrutura que parecia, à partida, suficiente para as «encornendas» se tornou manifestamente insuficiente, tantas eram as solicitações.

Dir-me-ão que tal é a missão de um jornal em si, de um jornalista ele próprio. Será, mas quantos jornais, como «A Capital» de há cerca de 20 anos, conseguiram (têm conseguido) vencer de uma forma clara e tão rápida quanto o conseguiu o vespertino que, então, procurava consolidar as suas bases, firmar ainda mais as suas âncoras?

É este período, por entre outros mais fugazes (que os houve), ao serviço de «A Capital» que melhores recordações me deixou. Não por um orgulho exacerbado (de todo em todo descabido, sem dúvida) pelo que foi feito, mas pela forma como o foi e pelo tempo em que o foi.

Volvidos quase uma vintena de anos a minha passagem pelo jornal e pelo Algarve — com tudo quanto se possa «meter» nesse espaço de tempo da vida de um jornalista — ainda hoje recordo com uma certa emoção (e saudade, pois então!) esse período que considero ter constituído uma grande escola para quem, como eu, abraçou esta profissão ainda tão pouco querida de muitos.

Foi um período do qual guardo, como disse, das mais gratas recordações da minha vida e, modéstia à parte, um certo orgulho por ter pertencido a esse grupo de trabalho que ajudou a consolidar o que é, já hoje uma realidade diária — «A Capital».

SÓ SE É REPÓRTER QUANDO SE LUTA

CINQUENTA e cinco linhas para resumir uma experiência profissional que vincou metade da vida vivida num ofício de repórter em jornal diário com muitas directas, exageros de entusiasmo e inúmeras situações marcantes, à partida, parece tarefa difícil, quando o preâmbulo mental da prosa traz para a consciência um tropel de evocações, que a linguagem nem consegue aprisionar. Mas se afinal em epítáfio se pode escrever numa só linha!... vamos lá ao depoimento em 55 de um bom pedaço de vida que foi sem dúvida dos mais marcantes da minha existência.

Frequentava a Escola Superior de Comunicação Social, à Rua das Praças, pioneira na aprendizagem académica do jornalismo em Portugal, e acabava o serviço militar obrigatório, depois de um curto estágio escolar no «Diário Popular», quando me surgiu a oportuni-



Melra da Cunha, jornalista de «A Capital» de 1973 a 1985, é actualmente adjunto do presidente do Instituto do Comércio Externo de Portugal

Por MEIRA DA CUNHA

de de cumprir o sonho. Entrei como estagiário em «A Capital», então sediada no cimo da Rua Joaquim António de Aguiar, e aí comecei a frequentar a verdadeira escola.

Posso metaforizar sem exagerar conceitos que, desde aí, «A Capital» foi a agulha magnética que orientou o rumo da minha vida. De um caminho que percorri quase sempre com entusiasmo. Quase sempre, porque as dificuldades e as incompreensões são os espinhos da rosa do jornalismo (passe a imagem rococó). Não mandou Cleópatra matar o mensageiro que lhe reportou a morte de Marco António? De resto, sempre ouvi dizer que é no fogo que se tempera o aço. E a reportagem — senti-me e sinto-me um repórter perante a vida — é uma permanente prova de fogo. No meu jornal, com os meus companheiros e mestres, aprendi que só se é repórter quando se luta.

Foi neste corpo-a-corpo com o real do quotidiano com que o jornalista se defronta que melhor compreendi a importância e a inevitabilidade do progresso: umas vezes ao testemunhá-lo em realizações e triunfos da inteligência, outras vezes na constata-

ção deprimente de situações e factos em que os obscurantismos, os preconceitos, as intolerâncias e as injustiças se lhe opunham.

Para lá desta vivência profissional, em que o jornalista é, conforme os casos, confidente, cúmplice e também adversário, há um aspecto que distingo com a nota máxima desta aprendizagem: a amizade solidária que cimentei com os meus camaradas de ofício. Sem ela talvez não pudesse agora dar testemunho da fabulosa riqueza acumulada ao longo destes anos.

É com este ânimo, também, que hoje trabalho no Instituto do Comércio Externo de Portugal-ICEP. Também aqui se luta pelo progresso do País. E a promoção das exportações portuguesas passa também ela pela batalha da informação. Um esforço travado a diversos níveis para dar a conhecer nos mercados internacionais as reais capacidade e potencialidades produtivas de Portugal.

Quase não me sobrava espaço, na medida que recomendaram para este depoimento, para saudar «A Capital» neste seu aniversário, desejar-lhe muitos mais anos de vida a apertar num grande abraço todos os que nela trabalham.

Ginásio Alameda

• GINÁSTICA DE: MANUTENÇÃO AERÓBICA YOGA

(Abertas inscrições)

• MASSAGEM

• FISIOTERAPIA (Preventiva, Recuperação e Reabilitação)

• SAUNA (Senhoras - 2.^{as}, 4.^{as}, 6.^{as}) (Homens - 3.^{as}, 5.^{as}, Sábados)

• RAIOS LASER (Eliminação de Rugas e Queda de Cabelo)

• DEPILAÇÃO ELÉCTRICA

• DEPILAÇÃO A CERA

• ESTETICISTA

HORÁRIO

DE 2.^a A 6.^a-FEIRA
ABERTO DAS 8 ÀS 20
SÁBADOS DAS 8 ÀS 13

Ginásio Alameda

...O PRAZER, O SABOR, O SABER...

E DELTA sabe, como ninguém, criar o sabor do seu café. Somos um dos maiores importadores de café, preparando-o completamente, desde a torrefação, loteamento, embalagem e distribuição.

Cobrimos totalmente o mercado nacional, com uma frota de 98 unidades.

Crescemos no espaço e no tempo, indo de encontro ao seu prazer.

Um prazer de verdade!

Um sabor de verdade!

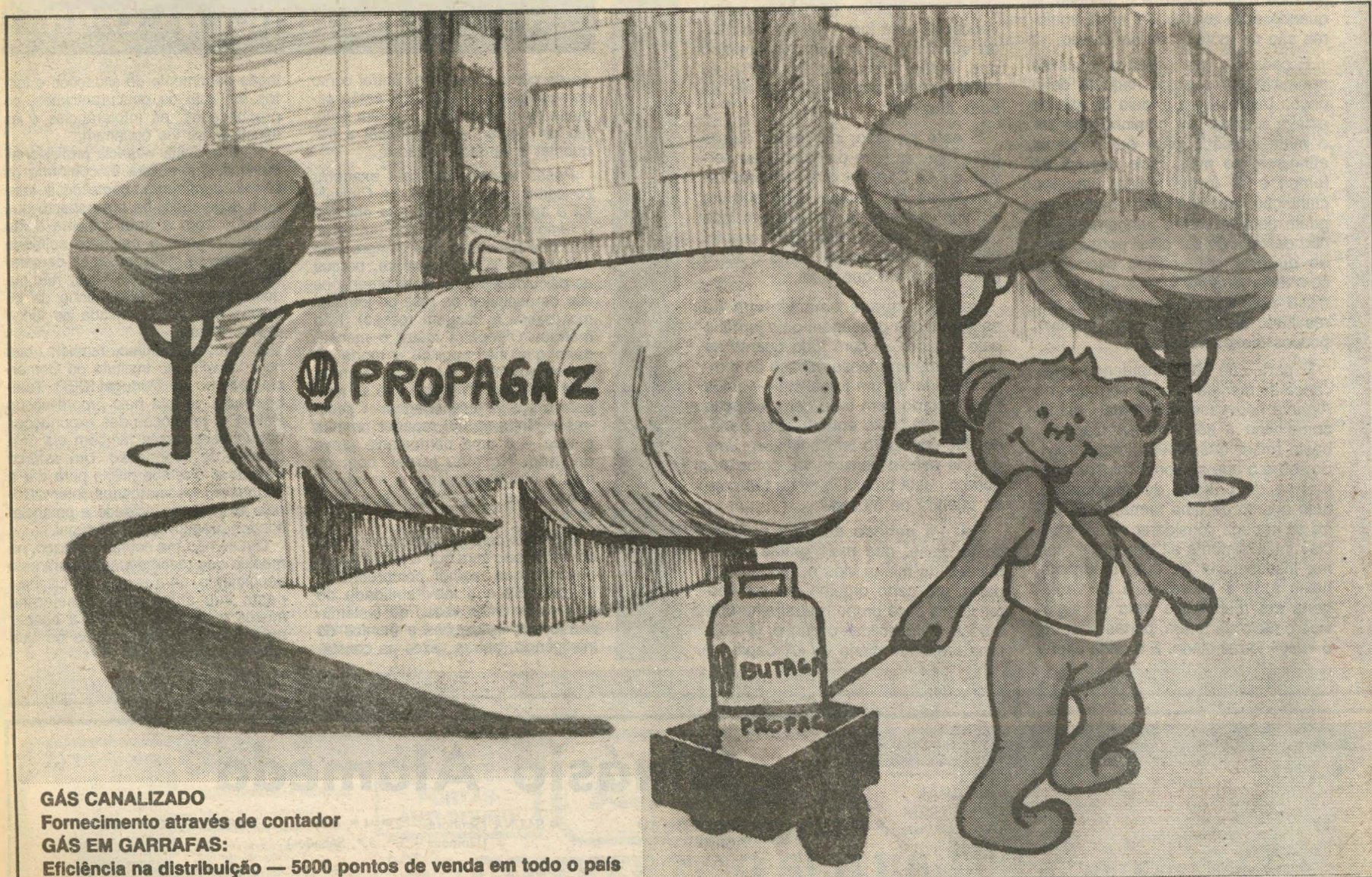
Um café de verdade!

Que Você bem conhece!

Conheça-nos também tão bem!



A VERDADE DO CAFÉ



GÁS CANALIZADO

Fornecimento através de contador

GÁS EM GARRAFAS:

Eficiência na distribuição — 5000 pontos de venda em todo o país

Shell butagaz propagaz ☆ **UMA ENERGIA SEGURA ÚTIL E ECONÓMICA**

Shell Portuguesa, S.A. — Av. da Liberdade, 249 — 1200 Lisboa — Telef.: 57 40 33 / 54 54 64 — Telex: 18322 / 64939